

EDIÇÃO N.º 12 · SETEMBRO 2026 | EDITION N.º 12 · SEPTEMBER 2026

entre

PT
EN



campus

iscte REVISTA MAGAZINE



04

Helena Carreiras

Quem somos e o que fazemos

Who we are and what we do

10

Tomás Alves

Preservar o património histórico

Preserving historical heritage

54

Sérgio de Almeida Matos

Novas tecnologias de 6G

New 6G technologies

20

Cecília Aguiar e Patrícia Arriaga

Inclusão de crianças migrantes

Integrating migrant children

64

Ana Maria de Almeida

Regular dados de saúde

Health data regulation

30

Ruy Blanes

Efeitos da transição energética

Effects of the energy transition

74

Rita Calvário

Dar voz a mulheres agricultoras

Empowering women farmers

40

Sandra Mateus

**Migrações e políticas
da habitação**

Migration and housing policies

84

Yonatan N. Gez

**O outro lado dos projetos
de desenvolvimento**

Behind development projects

Mostrar quem somos e o que fazemos

Who we are and what we do



Helena Carreiras

Reitora / Rector

A revista *Entrecampus* nasceu em dezembro de 2019 com o objetivo de dar visibilidade à investigação do Iscte, contando histórias inspiradoras sobre as pessoas e os projetos que aqui se desenvolvem. Fê-lo, ao longo dos últimos anos, relatando processos e resultados de projetos e destacando as trajetórias dos seus protagonistas, num registo que assumiu progressivamente o formato de entrevista. O foco foi claro: partilhar informação sobre o que fazemos para nos conhecermos melhor internamente, mas também dar-nos a conhecer aos parceiros externos e à comunidade científica. Estes continuam a ser os seus objetivos. Mas importa renovar a ambição, expandindo a difusão da revista nos planos nacional e internacional. Por isso mesmo, a partir deste

Entrecampus magazine was launched in December 2019 with the aim of raising the profile of Iscte's research, telling inspiring stories about the people and projects developed here. Over the past few years, it has done so by reporting on project processes and outcomes, highlighting the career paths of those involved in a format that has gradually evolved into interviews.

The focus was clear: to share information about what we do so that we can get to know each other better internally, while also raising our profile amongst external partners and the scientific community. These remain its goals. However, it is important to renew our ambition by expanding the magazine's reach both nationally and internationally. For this very reason, from this 12th issue onwards,

número 12, a *Entrecampus* torna-se bilingue, ajusta o seu formato gráfico a essa inovação, e passa a contar com a curadoria científica do SocioDigitaLab na articulação com os centros de investigação, laboratórios e observatórios. Os testemunhos aqui reunidos refletem bem a diversidade da investigação conduzida no Iscte em termos de problemas estudados, perspetivas teórico-metodológicas ou objetivos de pesquisa. Ficamos a saber mais sobre o apoio à inclusão de crianças migrantes nas escolas, sobre armazenamento de dados de saúde e processamento das suas aplicações pela IA com vigilância ética; sobre o impacto da transição energética na vida das comunidades, ou sobre o desenvolvimento de novas tecnologias para o 6G. Mas conhecemos também projetos que visam tornar o sistema alimentar mais equitativo e sustentável, promover uma mudança de paradigma nas políticas da habitação ou compreender os efeitos prolongados no tempo dos projetos internacionais de desenvolvimento. É-nos ainda apresentado um projeto — único no país — que junta as ciências sociais à tecnologia mais avançada, e que permitirá simultaneamente digitalizar, processar e visualizar dados de arquivos: o Laboratório de Digitalização e Visualização Avançada de Dados (David Lab). Para além da diversidade científica e do pluralismo metodológico, a investigação que se faz no Iscte reflete também a forma como pensamos a universidade e os princípios em que assentam as nossas práticas científicas, pedagógicas e de relação com a sociedade. Saliento três.

Em primeiro lugar, o respeito pela diversidade dos caminhos da produção de conhecimento. O desenvolvimento científico e a inovação resultam de combinações não lineares e de articulação complexa entre investigação básica e aplicada. No Iscte, promovemos ciência movida tanto pela vontade da descoberta, da exploração e da curiosidade — os ingredientes fundamentais de uma ciência livre — quanto pelo compromisso com a resposta a problemas concretos. Devemos continuar a fazê-lo. O estabelecimento de hierarquias e uma visão

Entrecampus becomes bilingual, adapts its visual layout to this innovation and will now be under the scientific curatorship of SocioDigitaLab in collaboration with research centres, laboratories and observatories. The testimonials gathered here clearly reflect the diversity of the research conducted at Iscte in terms of the issues studied, theoretical-methodological perspectives, and research goals. We learn more about support for the inclusion of migrant children in schools, health data storage and the processing of its applications by AI under ethical oversight, the impact of the energy transition on the lives of communities and the development of new technologies for 6G. We also discover projects aimed at making the food system more equitable and sustainable, promoting a paradigm shift in housing policies or understanding the long-term effects of international development projects. In addition, we are introduced to a project — unique in the country — that combines the social sciences with cutting-edge technology which will enable the simultaneous digitisation, processing and visualisation of archival data: the Digitalization and Advanced Visualization Data Lab (David Lab). In addition to scientific diversity and methodological pluralism, the research carried out at Iscte reflects the way we view the university and the principles underpinning our scientific, pedagogical and societal engagement practices. I would like to highlight three of these.

Firstly, respect for the diversity of approaches to knowledge production. Scientific development and innovation result from non-linear combinations and a complex interplay between basic and applied research. At Iscte, we promote science driven both by the desire for discovery, exploration and curiosity — the fundamental ingredients of free science — and by a commitment to addressing concrete problems. We must continue to do so. Establishing hierarchies and viewing a sequential value chain between research and innovation do not contribute to a healthy scientific system.

de cadeia de valor sequencial entre investigação e inovação não contribui para um sistema científico saudável. Mas, igualmente decisivo, é o facto de o fazermos no quadro de um ecossistema onde a formação avançada e a cooperação internacional assumem destaque. Importa reforçar ambas.

Em segundo lugar, a interdisciplinaridade. Todos os projetos que se vão destacando ao longo das páginas da *Entrecampus* incluem, de forma explícita, o cruzamento de saberes e perspetivas. Sendo uma marca do Iscte — e, na verdade, uma necessidade crescente na resposta a problemas que reclamam o esbater de fronteiras entre disciplinas —, é também um dos desafios mais exigentes que temos de enfrentar. Ao arrepio da narrativa que tem vindo a impor-se sobre a importância da interdisciplinaridade, as políticas científicas e os seus instrumentos, métricas e classificações, tal como muitas práticas arraigadas nas nossas instituições, têm frequentemente retido, quando não promovido, a disciplinaridade. Não se trata de negar a importância dos desenvolvimentos específicos das diferentes áreas científicas, os quais devem continuar a ser estimulados. Trata-se de viver de acordo com a nossa retórica, resistindo a lógicas estritamente corporativas e a visões que condicionam a qualidade do conhecimento que produzimos e reduzem a eficácia da sua aplicação. Num momento em que estão em revisão, no nosso país, as principais leis e quadros regulamentares da ciência e do ensino superior, é tempo de vigilância epistemológica. Mas também de intervenção, por forma a garantir que as políticas correspondem aos valores que advogamos.

Em terceiro lugar, a internacionalização. As universidades são hoje crescentemente avaliadas pelo seu grau de abertura internacional e pela densidade das relações externas que mantêm. O Iscte acaba de apresentar a sua estratégia para a internacionalização, destacando a importância de uma visão integrada e inclusiva, que reforce a qualidade do ensino, da investigação e da inovação, e contribua para a projeção

However, it is equally crucial that we do this within an ecosystem where advanced training and international cooperation take centre stage. It is vital to strengthen both.

Secondly, interdisciplinarity. All the projects highlighted throughout the pages of *Entrecampus* explicitly incorporate a cross-disciplinary approach. Whilst this is a hallmark of Iscte — and, indeed, a growing necessity in addressing problems that demand the blurring of boundaries between disciplines — it is also one of the most demanding challenges we face. Contrary to the prevailing narrative regarding the importance of interdisciplinarity, scientific policies and their instruments, metrics and rankings — as well as many deeply ingrained practices within our institutions — have often maintained or even actively promoted disciplinary silos. This is not to deny the importance of specific developments within different scientific fields, which must continue to be encouraged. It is a matter of living up to our rhetoric, resisting strictly corporatist logics and perspectives that constrain the quality of the knowledge we produce and reduce the effectiveness of its application. At a time when the main laws and regulatory frameworks governing science and higher education are under review in our country, it is a time for epistemological vigilance. However, it is also a time for intervention to ensure that policies align with the values we advocate.

Thirdly, internationalisation. Universities are now increasingly assessed on their degree of international openness and the strength of the external relationships they maintain. Iscte has just presented its strategy for internationalisation, highlighting the importance of an integrated and inclusive vision that strengthens the quality of teaching, research and innovation and contributes to the institution's international profile. The ambition set out therein is to be recognised as an internationally connected, academically rigorous and socially committed university — a university capable of attracting international talent, developing high-value partnerships,



Ao arrepio da narrativa que tem vindo a impor-se sobre a importância da interdisciplinariedade, as políticas científicas e os seus instrumentos, métricas e classificações, tal como muitas práticas arraigadas nas nossas instituições, têm frequentemente retido, quando não promovido, a disciplinaridade /

Contrary to the prevailing narrative regarding the importance of interdisciplinarity, scientific policies and their instruments, metrics and rankings — as well as many deeply ingrained practices within our institutions — have often maintained or even actively promoted disciplinary silos /

internacional da instituição. A ambição aí inscrita é a de sermos reconhecidos como uma universidade internacionalmente conectada, academicamente exigente e socialmente comprometida. Uma universidade capaz de atrair talento internacional, desenvolver parcerias de elevado valor, proporcionar experiências internacionais de qualidade a toda a comunidade académica e afirmar-se em redes, projetos e rankings relevantes para a sua missão. Os projetos destacados na *Entrecampus* atestam claramente a relevância das redes e da cooperação internacional para o seu sucesso. Sabemos que precisamos de ampliar esse esforço, e fazê-lo, paradoxalmente, num tempo em que se erguem muros, se questiona a ciência, se dificulta a mobilidade das pessoas e se restringe a liberdade académica. Esta revista, na sua nova versão bilingue, contribuirá certamente para enfrentar esse desafio, permitindo mostrar à sociedade uma parte importante do que fazemos na universidade. Essa é uma condição fundamental para preservar a legitimidade das instituições e o valor da ciência e do conhecimento. //

providing quality international experiences for the entire academic community and establishing itself within networks, projects and rankings relevant to its mission. The projects highlighted in *Entrecampus* clearly demonstrate the importance of networks and international cooperation to our success. We know that we need to expand this effort, and to do so, paradoxically, at a time when walls are being erected, science is being called into question, people's mobility is being hindered and academic freedom is being restricted. This journal, in its new bilingual format, will certainly help to address this challenge, enabling us to showcase to society a significant part of what we do at the university. This is essential to preserving the legitimacy of institutions and the value of science and knowledge. //

e n



v i s

t r e



t a s

Interviews

Tomás Alves

“Preservar também é importante para contrariar a ideia de que ‘antigamente é que era bom’”

Em 2027, quando estiver pronto, no David Lab, vai ser possível disponibilizar acervos, documentos e objetos. Um projeto – único no país – que junta as ciências sociais à tecnologia mais avançada

“Preservation is also important to challenge the idea that ‘things were better in the old days’”

por / by
Sara Belo Luís

tradução / translation
Arisai Vogel

fotografia / photograph
Luísa Ferreira

Once it is ready in 2027, the David Lab will make its documents and historical objects available. It is a project – the only one of its kind in the country – that brings together the social sciences and cutting-edge technology



Engenheiro informático, Tomás Alves não esconde que está muito feliz no Iscte, onde tem vindo a desenvolver vários projetos com cientistas com outras formações, em particular da área das ciências sociais. Vê a interdisciplinaridade como uma maneira enriquecedora de fazer ciência. “Ajuda a aplicarmos tudo o que aprendemos na academia.” No Laboratório de Digitalização e Visualização Avançada de Dados (David Lab), vai ajudar-nos a compreender melhor o passado.

Quando o projeto estiver terminado, o que vamos poder ver e fazer no David Lab, que neste momento ainda se encontra em obras?

O David Lab será um laboratório com uma linha de montagem linear de digitalização, processamento e visualização de dados. Na sua utilização mais típica, virá alguém aqui dizer-nos que gostaria de preservar determinado acervo histórico. Uma câmara municipal, por exemplo...

Poderá ser um acervo em papel ou não necessariamente?

Tanto faz, poderá ser em qualquer formato. Um dos casos que também poderemos vir a ter são portfólios de arquitetos por digitalizar (vamos fazer digitalização de objetos 3D). Esses acervos ou arquivos já deverão vir inventariados para depois conseguirmos fazer um diagnóstico do que vale a pena preservar (se houver muitos documentos repetidos, por exemplo, não vale a pena gastarmos espaço).

Depois, esses arquivos ficarão guardados fisicamente aqui?

Não, todos os arquivos serão devolvidos aos seus donos, aqui não vamos fazer arquivo físico. O que iremos fazer é todo o processo de digitalização, incluindo validar se os materiais que vamos digitalizar estão em condições apropriadas. A preservação digital que faremos estará alojada no nosso *data center*, respeitando sempre o objetivo de democratizar o acesso a qualquer investigador e sociedade em geral. Depois,

As a computer engineer, Tomás Alves makes no secret of how happy he is at Iscte. He has been working on various projects with scientists from other disciplines, particularly in the social sciences. He sees interdisciplinarity as an enriching way of doing science: “It helps us apply everything we’ve learnt at university.” At the Advanced Data Digitisation and Visualisation Laboratory (David Lab), it will help researchers better understand the past.

Once the project is finished, what will we be able to see and do at the David Lab, which is currently under construction?

The David Lab will be a facility with a streamlined production line for digitisation, data processing and visualisation. In a typical scenario, someone will come to us because they’d like to preserve a specific historical collection — a local council, for example...



“

Gostava de interpretar metáforas de cartazes do Ephemera sobre os quais não temos um contexto histórico exato. Já começamos a ter LLMs que usam *computer vision* e conseguem não apenas ler texto /

I'd like to interpret metaphors in posters from the Ephemera political archive, even when we lack the exact historical context. We're already starting to see LLMs that use computer vision and can do much more than just read text /





“

A preservação digital estará alojada no nosso *data center*, respeitando sempre o objetivo de democratizar o acesso a qualquer investigador e sociedade em geral/

Digital preservation will be hosted in our data centre, whilst keeping our goal of democratising access for all researchers and society at large/

também teremos de pensar como é que vamos desenhar um modelo de sustentabilidade porque existem os custos de todas as pessoas que estão a trabalhar, eletricidade, ar condicionado...

Não sendo um arquivo físico, o espaço é ilimitado?

Não, infelizmente, não é. Apesar de muita gente achar que tudo cabe em memória, a partir do momento em que se desmaterializa... Aliás, um

Could it be a paper-based collection, or not necessarily?

It doesn't matter — it could be in any format. One scenario we might encounter is an architect's portfolio that needs digitising, which means we'll be digitising 3D objects. These collections or archives should already be catalogued so we can assess what is worth preserving. For example, if there are many duplicate documents, it's not worth taking up space.

dos problemas que temos hoje em dia é o facto de muitos julgarem que, a partir do momento em que está digital, já não tem custos de manutenção — existe em algum lado, mas não é da minha responsabilidade manter esse algo... No David Lab queremos fazer sustentabilidade *by design*, isto é, queremos dar acesso aberto, sendo responsáveis. Ainda estamos a definir como será essa estratégia.

A segunda fase será, então, a do processamento. Em que consiste?

Vamos sobretudo usar técnicas de *data science* com Inteligência Artificial aplicada. Imagine: lê-se um documento através de OCR [Optical Character Recognition], conseguimos depois fazer um enriquecimento de metadados através do qual será possível fazer pesquisas mais semânticas, grupos que estejam conectados ao longo tempo, uma linha sobre o que se passou, por exemplo, na estação de comboios de Sintra.

Na última fase, a da visualização, o que está previsto?

O nosso objetivo é termos duas salas de visualização: uma mais analítica, outra mais imersiva. Teremos um *video display* bastante grande, de 4,8 por 2 metros, *touchable*, de forma a permitir uma experiência em grupo. Aí também vai ser possível termos experiências de realidade aumentada, realidade virtual, sintetização de cheiro e produção de volumes de som 3D. Conseguiremos ter duas pessoas na mesma sala a ter experiências de som distintas.

Poderá ser importante, por exemplo, no caso dos arquivos sonoros?

Sim, arquivos sonoros, preservação de folclore ou danças tradicionais... Na outra sala, será tudo mais à base de *data analytics*, que é o tradicional na análise de dados, e também de experiências com artefactos tangíveis. Por exemplo, imagine que está a ver um globo que mostra as migrações do planeta Terra em consequência de um acontecimento qualquer. A projeção — aqui poderemos assumir que se trata de realidade aumentada — estará no globo à sua frente e, se quiser interagir com ele, fá-lo-á através de um objeto de *internet of things*, uma esfera com

So will these archives be physically stored here?

No, all the archives will be returned to their owners — we aren't doing physical archiving here. What we'll do is the entire digitisation process, including checking whether the materials we're going to digitise are in the right condition. The digital preservation we provide will be hosted in our data centre, whilst always keeping our goal of democratising access for any researcher and society at large. Then, we'll also have to think about how we're going to design a sustainability model because you have the costs of all the people working here, electricity, air conditioning...

Since it's not a physical archive, is the storage space unlimited?

No, unfortunately it isn't. Even though a lot of people think everything fits into memory once it's digitised... In fact, one of the problems we face today is that many people assume, once something is digital, it no longer has maintenance costs — it exists somewhere, but it's not my responsibility to maintain it... At the David Lab, we want to achieve sustainability by design — in other words, we want to provide open access whilst remaining responsible. We're still working out exactly what that strategy will look like.

The second phase will therefore be the processing phase. What does this involve?

We will primarily be using data science techniques combined with applied artificial intelligence. Imagine this: a document is scanned using OCR — Optical Character Recognition — and we can then enrich the metadata. This enables more semantic searches, identifies groups connected over time and traces a timeline of events — at Sintra railway station, for example.

In the final phase — visualisation — what's planned?

Our aim is to have two visualisation rooms: one more analytical, the other more immersive. We'll have a huge, touch-sensitive video display measuring 4.8 by 2 metres, designed for a group experience. In there, it'll also be possible to have augmented reality and virtual reality

um acelerómetro; ao rodar a esfera, também conseguirá rodar a projeção. Além disso, vamos ter um acesso remoto através de um portal onde as pessoas poderão consultar os metadados de tudo, de todos os projetos e de todas as coleções.

Está explicado porque é que se trata de um projeto único? Não existe nada de semelhante?

Não, não existe nenhuma infraestrutura que tenha um *pipeline* como o nosso: digitalização, processamento, visualização. Mas isto não quer dizer que todos os processos passem pelas três fases, pelo ciclo de vida completo — podemos, por exemplo, já ter os dados e fazer apenas a visualização.

Como nasceu este projeto?

É curioso porque o David Lab nasceu quando o Iscte estabeleceu um protocolo com o Instituto da Mobilidade e dos Transportes (IMT) para construir o edifício 4 no antigo edifício do IMT. Foi então acordado fazer a digitalização do arquivo histórico do IMT: esquemas das linhas demarcadas e também documentos que descreviam, por exemplo, artefactos como os bonés, os chapéus dos maquinistas. É uma coleção bastante vasta e muito interessante, é um arquivo histórico que vamos trabalhar.

Entretanto, apareceram mais arquivos e mais parceiros externos.

Sim, temos parcerias com a Câmara Municipal de Lisboa, a Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS-PT) e o Ephemera. Recentemente, disse aos meus colegas de projeto (a Elsa Cardoso na visualização, a Alexandra Saraiva na digitalização e o João Pedro Oliveira no processamento) que gostaria muito de interpretar metáforas de cartazes do Ephemera sobre os quais nós não temos um contexto histórico exato. Além dos LLMs [Large Language Models], já começamos a ter LLMs que usam *computer vision* e conseguem não apenas ler texto, mas também interpretar artefactos visuais.

experiences, as well as scent synthesis and 3D sound production. We'll even be able to have two people in the same room experiencing different sounds.

Could this be important for audio files, for example?

Yes — audio files, the preservation of folklore or traditional dances... In the other room, everything will be more based on data analytics — which is the traditional approach to data analysis — as well as experiences with tangible artefacts. For example, imagine you are looking at a globe showing human migrations on planet Earth as a result of some historical event. The projection — and here we can assume it's augmented reality — will be displayed directly on the globe in front of you. If you want to interact with it, you'll do so via an Internet of Things device — a sphere fitted with an accelerometer. By rotating the sphere, you'll also be able to rotate the projection. Furthermore, we'll have remote access via a portal where people can consult the metadata for everything — all the projects and all the collections.

Does that explain why this is a unique project? Is there nothing else like it?

No, there is no other infrastructure that has a pipeline like ours: digitisation, processing and visualisation. But this does not mean that all processes go through all three phases — through the entire life cycle. For example, we might already have the data and simply carry out the visualisation.

How did this project come about?

It's interesting because David Lab came about when Iscte signed an agreement with the IMT (Institute for Mobility and Transport) to construct Building 4 on the site of the former IMT building. It was then agreed to digitise the IMT's historical archive: diagrams of the mapped routes, as well as documents describing artefacts like drivers' caps and hats. It's a very extensive and fascinating collection — a historical archive that we'll be working on.

“

É nas sobreposições de campos de investigação que o Iscte se manifesta. E é disso que trata o David Lab/

It's at the intersection of different research fields that Iscte truly comes into its own. And that's exactly what the David Lab is all about/

Mas uma metáfora é, por natureza, subjetiva, ambígua...

Sim, mas imagino que com Inteligência Artificial supervisionada conseguimos padrões de interpretação. Acho que isso, com a ajuda de pessoas especialistas em arquivo, pessoas da área da história, pode ser muito interessante — e vai ajudar-nos a ter uma melhor perceção do que era viver naquele ambiente naquela altura. Preservar também é importante como forma de contrariar aquela ideia do “antigamente é que era bom”. Se formos revisitar, percebemos que, infelizmente, o antigamente não era assim tão bom. O que podemos fazer depois é ter agentes conversacionais que sejam especializados nas coleções...

Um chatbot com o qual eu estabeleço um diálogo e que me facilita a pesquisa?

Sim, um agente com quem falo e a quem digo, por exemplo, que gostaria de saber mais sobre o 25 de Abril, a sua história e as entidades que participaram. Tudo isto é bastante interessante, é um trabalho que deve ser feito e que não é de todo automático. Quando temos um humano a ler um texto, ele facilmente consegue identificar as várias entidades. A semântica nem sempre é fácil, mas também é possível um agente identificar que se trata

Meanwhile, more archives and external partners have emerged.

Yes, we have partnerships with Lisbon City Council, the Portuguese National Committee of the International Council on Monuments and Sites (ICOMOS-PT) and the Ephemera archive. Recently, I told my project colleagues — Elsa Cardoso on visualisation, Alexandra Saraiva on digitisation and João Pedro Oliveira on processing — that I'd really like to interpret metaphors in Ephemera's posters even when we lack the exact historical context. We're already starting to see multimodal LLMs that use computer vision and can do much more than just read text — they can actually interpret visual artefacts.

But a metaphor is, by its very nature, subjective and ambiguous...

Yes, but I imagine that with supervised Artificial Intelligence, we can establish patterns of interpretation. I think that with the help of archivists and historians, this could be very interesting — and it'll help us gain a better understanding of what it was like to live in that environment at that time. Preservation is also important as a way of challenging the notion that “things were better in the old days”. If we take a closer look, we realise that, unfortunately, the past wasn't actually all that great. What we can do next is have conversational agents specialising in the collections...



da mesma entidade reconhecida, por exemplo, por dois nomes diferentes.

Para si, que é engenheiro, é desafiante este cruzamento de disciplinas?

É desafiante e é sobretudo muito rico. Julgo até que é aí que se consegue tirar o máximo de partido desta interdisciplinaridade do Iscte. É nos *overlaps*, nas sobreposições de campos de investigação, que o Iscte se manifesta. E é disso que trata o David Lab.

O que se ganha, ao certo, com essa interdisciplinaridade?

Ajuda muito a aplicarmos tudo o que aprendemos na academia. Desde que cheguei, muito exemplo, tenho trabalhado muito com a Rita Guerra, que é psicóloga social. Temos inclusivamente um projeto, a começar no próximo ano letivo, chamado *Morality*, sobre desinformação e sobre como é que a perceção de crimes ligados às comunidades de migrantes é transmitida através de visualizações de dados. Basta ir às redes sociais de determinados partidos para ver desinformação a ser transmitida através de gráficos. Para o cidadão comum, sem grande literacia de visualização, nem sempre é fácil de perceber.

O David Lab não pode ser confundido com um museu?

Não, acho que nem pode atuar como tal. Será um laboratório vivo, com estudos experimentais

A chatbot I can have a conversation with, that makes my research easier?

Yes, an agent I can talk to and tell, for example, that I'd like to know more about The Carnation Revolution, its history and the organisations involved. All of this is quite interesting — it's work that needs to be done, and it isn't at all automatic. When a human reads a text, they can easily identify the various organisations. Semantics isn't always straightforward, but it's also possible for an agent to recognise that the same entity is being referred to by two different names, for example.

For you as an engineer, is this interdisciplinary approach challenging?

It's challenging and, above all, very rewarding. I actually think that's where you can really make the most of Iscte's interdisciplinary approach. It's in the overlap between different fields of research that Iscte really comes into its own. And that's what the David Lab is all about.

What exactly do you gain from this interdisciplinary approach?

It really helps us to apply everything we've learnt at university. Since I arrived, for example, I've been working closely with Rita Guerra, who's a social psychologist. We even have a project, starting next academic year, called "*Morality*", which looks at disinformation and how perceptions of crimes linked to migrant communities are conveyed through data visualisations. You only have to

e desenvolvimento de experiências de património digital. Num primeiro nível, a sua função será dar apoio à investigação e, depois, haverá também toda a parte de democratização do conhecimento, para as pessoas aprenderem. Só temos de começar a criar experiências para trazer cá as pessoas e elas virem cá de livre vontade.

Estará aberto a escolas?

Sim, para alunos de arquitetura, acho que seria extremamente interessante estar numa sala de realidade virtual ou realidade aumentada a fazer arquitetura *live*. Em princípio, uma das primeiras experiências que queremos ter como montra do David Lab é mostrar como teria sido se uma obra de arquitetura que ficou apenas no plano tivesse, de facto, sido construída. No espólio do arquiteto Luís Cunha, por exemplo, há muitas obras que não foram edificadas. Para um estudante de arquitetura também pode ser interessante, quando está a modelar um edifício, saber como é que o som vai ser reproduzido em determinados materiais da parede, do chão, das portas... Conseguimos fazer isso a partir do momento em que temos uma matriz de colunas para o som 3D. //

look at the social media accounts of certain political parties to see disinformation being spread through infographics. For the average person without much visual literacy, it isn't always easy to understand.

Could the David Lab be mistaken for a museum?

No, I don't think it can even function as one. It will be a living laboratory, conducting experimental studies and developing digital heritage experiences. Initially, its role will be to support research — and then there's the whole aspect of democratising knowledge so that people can learn. We just need to start creating experiences to attract people here, so that they come of their own accord.

Will it be open to schools?

Yes — for architecture students, I think it would be extremely interesting to be in a virtual reality or augmented reality room, designing architecture in real time. In principle, one of the first showcase experiences we want to offer at the David Lab is to demonstrate what it would have been like if an architectural project that only ever existed on paper had actually been built. In the estate of the architect Luís Cunha, for example, there are many works that were never built. For an architecture student, when modelling a building, it could also be fascinating to know how sound will replicate through specific materials used for the walls, floors and doors. We can do this as soon as we have our 3D sound speaker array. //



Tomás Alves

BRU-Iscte

Business Research Unit

David Lab

Criação de um laboratório que vai trabalhar em três eixos: digitalização de acervos, processamento de grandes volumes de dados e visualização interativa. Vai permitir digitalizar arquivos históricos, tornando-os acessíveis ao grande público.

Operating across three core pillars — archive digitization, big data processing, and interactive visualization — the David Lab will digitize historical archives to make them fully accessible to the general public.

Cecília Aguiar e Patrícia Arriaga

“É preciso responder aos desafios da diversidade crescente das salas de aula”

Para apoiar a inclusão de crianças migrantes nas escolas, desenvolveram um jogo de tabuleiro com o objetivo de facilitar o diálogo e, no fundo, poder contribuir para despertar a curiosidade pelos outros

“We need to address the challenges of growing diversity in our classrooms”

por / by
Sara Belo Luís

tradução / translation
Arisai Vogel

fotografia / photograph
Luísa Ferreira

To support the inclusion of migrant children in schools, they developed a board game to facilitate dialogue and ultimately help spark curiosity about others



Durante dois anos, Cecília Aguiar e Patrícia Arriaga participaram num projeto de investigação — KidLe — que tem como objetivo apoiar a inclusão de crianças migrantes em novos contextos escolares. Trabalharam com dois agrupamentos de escolas de Lisboa e organizaram *workshops* com professores, pais e crianças. No final, criaram um jogo de tabuleiro: tudo se passa no espaço, há planetas, há aliens, há jogadores e, claro, a necessidade premente de comunicar e viver com os outros. Em breve, esperam também poder vir a dar sequência ao KidLe num outro projeto através do qual pretendem avaliar os efeitos ao nível da sensibilização para o tema da diversidade.

O KidLe nasce da ideia de que as crianças aprendem melhor através de jogos do que sentadas à secretária?

Patrícia Arriaga: Se por “atrás da secretária” se entender uma sala de aula, acho que todos os contextos são importantes para as crianças aprenderem. Não poria as formas de aprendizagem em oposição, as crianças aprendem em diferentes contextos. O jogo de tabuleiro é apenas uma ferramenta.

Então, que função cumpre?

Patrícia: O jogo de tabuleiro cumpre uma função lúdica e participativa. Pode ser usado em contexto de aula, mas também pode ser usado numa atividade de lazer, na escola ou na família.

Cecília Aguiar: É uma ferramenta complementar importante. Há investigação que sugere que as atividades lúdicas que captam a atenção das crianças contribuem para a sua motivação. Nessa perspetiva, promovendo um maior envolvimento, podem estar associadas a uma maior aprendizagem.

Patrícia: Queria acrescentar uma coisa. Atrás da secretária, quando estão sentadas, as crianças tendem a realizar as atividades de forma individual. Este jogo pretende promover a inclusão, mas também pretende pôr as crianças à volta de uma mesa, a comunicar

For two years, Cecília Aguiar and Patrícia Arriaga participated in a research project — KidLe — which aims to support the inclusion of migrant children in new school environments. They worked with two school districts in Lisbon and organized workshops with teachers, parents, and children. In the end, they created a board game where everything happens in space — there are planets, aliens, players and, of course, the urgent need to communicate and live with others. They’re also hoping to follow up on KidLe soon with another project to assess its impact on raising awareness about diversity.

Did KidLe stem from the idea that children learn better through games than by sitting at a desk?

Patrícia Arriaga: If by “behind a desk” you mean a classroom, I think all contexts are important for children to learn. I wouldn’t pit different forms of learning against each other — children learn in different contexts. The board game is just a tool.

So, what purpose does it serve?

Patrícia: The board game serves a playful and participatory purpose. It can be used in a classroom setting, but it can also be used for leisure activities, at school or with the family.

Cecília Aguiar: It’s an important supplementary tool. Research suggests that playful activities that capture children’s attention contribute to their motivation. From that perspective, by fostering greater engagement, such activities can be linked to better learning.

Patrícia: I’d like to add something. When they’re seated at their desks, children tend to do activities individually. This game aims to promote inclusion, but it also aims to bring children together around a table, communicating with one another. It’s not a competitive game, but a collaborative one.



umas com as outras. Não se trata de um jogo competitivo, mas colaborativo.

Que motivações estiveram por detrás do princípio deste projeto?

Cecília: Do ponto de vista mais funcional, começou com um convite do parceiro cipriota que viu em nós *know how* para coordenar este projeto. Do ponto de vista mais substantivo, decorre da necessidade de dar resposta aos desafios da inclusão e da diversidade crescente das salas de aula. É preciso encontrar ferramentas para apoiar o trabalho dos pais e dos professores e encorajar a interação positiva entre crianças que vêm de meios diferentes, a curiosidade sobre o outro, a partilha de quem são e das suas preferências. Tudo isto com o objetivo de se conhecerem melhor e de criarem relações de amizade.

Como estabeleceram as redes com os dois agrupamentos de escolas de Lisboa com quem trabalharam?

Patrícia: No Centro de Investigação e Intervenção Social (CIS-Iscte), já tínhamos um colega, o Ricardo Rodrigues, que também

What motivated the launch of this project?

Cecília: From a more practical standpoint, it began with an invitation from our Cypriot partner, who saw that we had the know-how to coordinate this project. From a more substantive standpoint, it stems from the need to address the challenges of inclusion and the growing diversity in classrooms. We need to find tools to support the work of parents and teachers and encourage positive interaction among children from different backgrounds — fostering curiosity about each other and helping them share who they are and their preferences. All of this aims to help them get to know each other better and build friendships.

How did you establish networks with the two school clusters in Lisbon that you worked with?

Patrícia: At the Center for Research and Social Intervention (CIS-Iscte), we already had a colleague, Ricardo Rodrigues, who was also part of the KidLe team and works with schools on these aspects of multiculturalism.

fez parte da equipa do KidLe, a trabalhar com escolas nestes aspetos da multiculturalidade.

Cecília: Trata-se de um projeto de apoio a agrupamentos, para pensar as suas estratégias de intervenção e desenvolver planos de melhoria. O Ricardo ajudou-nos a identificar escolas com elevada diversidade, fomos à procura de escolas que já se mobilizavam para este tipo de objetivos. Além disso, também procurávamos escolas com grupos que nem sempre são considerados.

Que grupos são esses?

Cecília: Crianças do Bangladesh, por exemplo. Aliás, acabámos a selecionar o bengali como uma das línguas a considerar, porque é muito invisível e não é suficientemente valorizada.

Cecília: This project is about supporting school clusters to think through their intervention strategies and develop improvement plans. Ricardo helped us identify schools with high levels of diversity — we looked for schools that were already actively working towards these kinds of goals. On top of that, we also looked for schools with groups that aren't always taken into account.

What groups are those?

Cecília: Children from Bangladesh, for example. In fact, we ended up choosing Bengali as one of the languages to consider, because it's so invisible and isn't sufficiently valued.



Depois, também introduziram uma versão digital do jogo. Qual o objetivo, tendo em conta que aí já não é possível sentar as crianças em torno de uma mesa?

Patrícia: A ideia do digital é conseguirmos chegar a mais famílias, a mais escolas. Na prática, o jogo são cinco jogos e nem todas têm recursos para imprimir estes materiais.

Cecília: Também organizámos seminários de sensibilização dirigidos a educadores, professores e pais durante os quais eles identificaram, imediatamente, a possibilidade de usar o jogo e a plataforma digital para interagir com outros estudantes e com escolas de outros países. Viram logo esse potencial.

They also introduced a digital version of the game. What is the aim of this, given that you can't sit the children round a table anymore?

Patrícia: The idea behind the digital version is for us to reach more families and more schools. In practice, the game is actually five games in one, and not all schools have the resources to print these materials.

Cecília: We also organised awareness-raising seminars for educators, teachers and parents, during which they immediately saw the possibility of using the game and the digital platform to interact with other students and schools in other countries. They saw that potential straight away.

“

Este jogo pretende promover a inclusão, mas também pretende pôr as crianças à volta de uma mesa, a comunicar umas com as outras /

This game aims to promote inclusion, but it also aims to bring children together around a table, communicating with one another /



Há algo que vos tenha surpreendido no decurso do projeto?

Patrícia: Acho que fomos sendo sempre surpreendidas pelo entusiasmo das crianças... E também pela imaginação que revelaram quando as tarefas implicavam desenhar, por exemplo.

Cecília: Um dos aspetos de que as facilitadoras (que participaram nos *workshops*) nos deram conta está relacionado com a questão do movimento físico. Diziam-nos sempre que as crianças queriam mexer-se.

Patrícia: Ah, sim, estavam preocupadas porque um jogo de tabuleiro implica estar parado, não é?

Cecília: Sabíamos disto, mas o *feedback* tornou-se tão consistente que pensámos numa forma de incorporar o movimento no jogo. Pode ser só bater palmas, mas também pode ser pular em conjunto ou até respirar profundamente, como uma forma de relaxar.

Patrícia: O bem-estar e a saúde não passam só pela dinâmica da ação, também passa pelo relaxamento. Estudei um pouco as emoções positivas e, na verdade, existem culturas que privilegiam a calma e a respiração profunda.

Nomeadamente, as culturas orientais.

Patrícia: Exato. Esta dimensão do jogo também procura responder a essa diversidade.

Cecília: São pequenos detalhes. Fomos tentando conciliar a teoria, o conhecimento da investigação, com os *insights* que fomos tendo ao longo dos *workshops*. Este foi um período de desenvolvimento ativo do jogo, mas também sentimos que era importante avaliar, de forma efetiva, o impacto da utilização destes materiais e as condições em que as mudanças positivas aconteceram.

Fazem referência à importância dos jogos para a existência de uma certa coesão social. Que conclusões já conseguem tirar a este nível?

Cecília: Faz parte das nossas opções de orientação para o próximo ano acolher estudantes que queiram também contribuir

Was there anything that surprised you over the course of the project?

Patrícia: I think we were constantly surprised by the children's enthusiasm... And also by the imagination they showed when the tasks involved drawing, for example.

Cecília: One of the things the facilitators who took part in the workshops told us about was physical movement. They kept telling us that the children wanted to move around.

Patrícia: Ah, yes, they were worried because a board game involves sitting still, doesn't it?

Cecília: We knew this, but the feedback became so consistent that we thought of a way to incorporate movement into the game. It could be just clapping your hands, but it could also involve jumping together or even taking deep breaths, as a way of relaxing.

Patrícia: Well-being and health aren't just about being active — they're also about relaxation. I've done a bit of research into positive emotions and, in fact, there are cultures that prioritise calmness and deep breathing.

In particular, Eastern cultures.

Patrícia: Exactly. This aspect of the game also aims to reflect that diversity.

Cecília: They're small details. We've been trying to balance theory and research findings with the insights we've gained from the workshops. This has been a period of active game development, but we also felt it was important to effectively assess the impact of using these materials and the conditions under which positive changes happened.

You mention the importance of games in creating a certain degree of social cohesion. What conclusions have you been able to draw so far in this regard?

Cecília: Part of our plan for next year is to welcome students who also want to contribute to this work. At the moment, we mainly have qualitative feedback.

Patrícia: Even so, we don't expect a game, on its own, to have a massive impact. It can make a contribution, but it's still just a game, isn't it?



Queremos tentar perceber em que medida é que podemos avaliar se os participantes, facilitadores e crianças, se tornaram mais sensíveis às questões da diversidade /

We want to try to understand how far we can assess whether the participants — facilitators and children alike — have become more sensitive to issues of diversity /

para esse trabalho. Neste momento, temos sobretudo *feedback* qualitativo.

Patrícia: Ainda assim, não esperamos que um jogo, por si só, tenha um impacto muito elevado. Pode dar um contributo, mas continua a ser apenas um jogo, não é?

A investigação nesta área tem mostrado que os efeitos quantitativos de intervenções com jogos tendem a ser reduzidos, embora sejam observáveis e relevantes.

E um efeito mais genérico de sensibilização para as questões da inclusão, da diversidade e da tolerância?

Patrícia: Isso sim...

Cecília: O tal *awareness* que temos vindo a discutir.

O que é que isso significa?

Cecília: Queremos tentar perceber em que medida é que podemos avaliar se os participantes, facilitadores e crianças, se tornaram mais sensíveis às questões da diversidade. Se ficaram mais curiosos em relação ao outro, se querem conhecer as suas experiências e as suas preferências.

Research in this area has shown that the quantitative effects of game-based interventions tend to be modest, although they're observable and relevant.

And a more general effect of raising awareness of issues relating to inclusion, diversity and tolerance?

Patrícia: Exactly...

Cecília: That “awareness” we’ve been discussing.

What does that mean?

Cecília: We want to try to understand how far we can assess whether the participants — facilitators and children alike — have become more sensitive to issues of diversity. Whether they’ve become more curious about others, and whether they want to learn about their experiences and preferences.

There are people who are different from me, and they’re interesting.

Cecília: Yes, from a qualitative point of view, the feedback from the children is positive. They enjoy playing, and they value helping one

Há pessoas diferentes de mim e elas são interessantes.

Cecília: Sim, do ponto de vista qualitativo, o *feedback* das crianças é positivo. Gostam de jogar, valorizam ajudar-se uns aos outros nas várias atividades. Também podem contribuir de outras maneiras, por exemplo, através do gesto, para além da linguagem.

Ultrapassando, portanto, a barreira da língua...

Cecília: Exato. Podem fazer gestos, podem fazer desenhos... Mesmo os mais tímidos, podem contribuir de maneiras diferentes. Esta dimensão da ajuda mútua, mesmo entre os que não falam a mesma língua, foi muito visível nos *workshops*.

O facto de este projeto também ter sido desenvolvido fora dos muros da academia é, para vós, uma dimensão importante?

Cecília: É uma dimensão essencial. Aliás, este projeto está claramente alinhado com os nossos objetivos e com os nossos interesses dentro do CIS-Iscte, no grupo em que estamos inseridas, que se chama Comunidade, Educação e Desenvolvimento.

O próximo passo será desenvolver um trabalho mais aprofundado de análise do impacto e das condições em que há impacto. Também será interessante identificar que tipo de formação é necessária para assegurar que os facilitadores estão efetivamente preparados para alimentar conversas positivas e construtivas que reduzam o preconceito relativamente a crianças que venham de *backgrounds* mais diferentes.

Patrícia: Outro dos nossos objetivos sempre foi evitar que as personagens do jogo fossem pessoas. Seria difícil representar toda a diversidade através de uma só fisionomia... Foi um exercício desafiante perceber até que ponto conseguíamos fazê-lo. Julgo que o mais difícil foi criar símbolos que pudessem representar letras de outras línguas.

Cecília: No fundo, queríamos escapar de tudo o que pudessem ser restrições, quer pelas referências culturais, quer por haver o risco de

another in the various activities. They can also contribute in other ways, for example through gestures as well as language.

So, by overcoming the language barrier...

Cecília: Exactly. They can use gestures, they can draw pictures... Even the shyest children can contribute in different ways. This aspect of mutual support, even among those who don't speak the same language, was very evident in the workshops.

Is the fact that this project was also developed outside the walls of academia an important aspect for you?

Cecília: It's an essential aspect. In fact, this project is clearly aligned with our objectives and interests within CIS-Iscte, in the group we're part of, which is called Community, Education and Development.

The next step will be to carry out a more in-depth analysis of the impact and the conditions under which that impact occurs. It will also be interesting to identify what kind of training is needed to ensure that facilitators are effectively prepared to fuel positive and constructive conversations that reduce prejudice towards children from more diverse backgrounds.

Patrícia: Another of our objectives has always been to avoid making the characters in the game human. It would be difficult to represent all that diversity through a single physical appearance... It was a challenging exercise to see how far we could pull it off. I think the hardest part was creating symbols that could represent letters from other languages.

Cecília: Ultimately, we wanted to avoid anything that might act as a constraint, whether due to cultural references or the risk of focusing on a Western visual framework. That's why all the elements are new.

Why did you choose space as the setting for the game?

Cecília: It was the children who chose the space setting. There were other possibilities, such as the savannah, for example...

nos focarmos num referencial visual ocidental. Por isso, todos os elementos são novos.

Porque é que escolheram o espaço como cenário do jogo?

Cecília: Foram as crianças que escolheram o cenário do espaço. Havia outras possibilidades, como a savana, por exemplo...

O espaço é o lugar da imaginação, por excelência.

Patrícia: Sim, isso funcionou muito bem. No fundo, também apela a um imaginário que não é muito concreto.

Sentem que, de alguma maneira, este é também um projeto de resistência?

Cecília: Sim, de repente, à nossa volta, estes objetivos não são propriamente os prioritários. Mas sentimos que este projeto é coerente com o trabalho que temos vindo a desenvolver. E também com a literatura e com a investigação, com aquilo que sabemos contribuir para o bem-estar das pessoas. //

Space is the place of the imagination par excellence.

Patrícia: Yes, that worked very well. Ultimately, it also appeals to an imagination that isn't very concrete.

Do you feel that, in some way, this is also a project of resistance?

Cecília: Yes, all of a sudden, around us, these objectives aren't exactly top priorities. But we feel that this project is consistent with the work we've been doing. And also with literature and research, with what we know contributes to people's well-being. //



**Cecília Aguiar
e Patrícia Arriaga**

CIS-Iscte

Centro de Investigação
e Intervenção Social

Centre for Psychological
Research and Social
Intervention

KidLe

Tem como objetivo apoiar a inclusão de crianças migrantes em novos ambientes escolares. O projeto visa ainda ajudar educadores e pais a usarem atividades lúdicas (no caso, jogos de tabuleiro) na aprendizagem e no desenvolvimento infantil.

Aims to support the inclusion of migrant children in new school environments. The project also intends to help educators and parents use play-based activities (in this case, board games) for child learning and development.

Ruy Blanes

“A transição energética também é sobre comunidades”

Quem paga o preço da transição energética? Quem ganha e quem perde? E que voz têm as pessoas que vivem essas mudanças no terreno? O projeto Energeo percorreu seis países, do Norte ao Sul Global

“The energy transition is also about communities”

por / by
Rita Alves

tradução / translation
Arisai Vogel

fotografia / photograph
Luísa Ferreira

Who pays the price for the energy transition?
Who stands to gain, and who stands to lose?
And what agency do frontline communities have?
The Energeo project investigated six nations
across the Global North and Global South



Existem territórios que, em nome do interesse coletivo, podem ser sacrificados. Chamam-lhes "zonas de sacrifício": lugares onde comunidades inteiras têm de se transformar ou desaparecer para que a transição energética aconteça. É a partir desta ideia, e de um interesse antigo pelos efeitos sociais das questões climáticas, que Ruy Blanes, investigador no CRIA - Centro em Rede de Investigação em Antropologia, coordena o projeto Energeo, para perceber quem decide o que se sacrifica e quem paga por isso.

Como é que um antropólogo com uma longa trajetória em Angola chegou ao tema da transição energética?

A minha relação com Angola vem de há décadas, através de temas como a religião e a memória, ligada também aos estudos de mobilidade, antes de a dimensão energética entrar no meu trabalho. Em 2009, houve uma crise humanitária significativa, e os seus efeitos sociais e políticos levaram-me a interessar-me pela questão climática.

Para além de Angola, o seu percurso passa também pela Europa. De que forma essa experiência internacional influenciou o olhar sobre as questões energéticas?

Através de investigação na Suécia, na Noruega, em Espanha e em Portugal, consegui perceber como diferentes contextos nacionais tratam a questão da transição energética. Cada país tem as suas próprias histórias de desenvolvimento e a sua própria relação com os recursos naturais. O que me interessou foi compreender como essas trajetórias históricas e políticas influenciam a forma como cada sociedade enfrenta a transição.

Fala-se muito de energia verde e de metas climáticas. Em poucas palavras, o que é que o projeto Energeo quis perceber?

O que estávamos a tentar fazer era colocar-nos nos lugares onde as metas de energia renovável

Some areas may be sacrificed in the name of the collective interest. These are known as "sacrifice zones" — places where entire communities must either transform or disappear to make way for the energy transition. Driven by this concept and a long-standing interest in the social impacts of climate change, Ruy Blanes, a researcher at CRIA (Centre for Research in Anthropology), is coordinating the Energeo project to understand who decides what is sacrificed and who pays the price.

How did an anthropologist with a long history of research in Angola come to focus on the energy transition?

My connection with Angola goes back decades, focusing on themes like religion and memory, as well as mobility studies, long before energy became part of my work. However, a major humanitarian crisis in 2009 and its socio-political aftermath sparked my interest in climate issues.

Beyond Angola, your career has also taken you to Europe. How has that international experience shaped your perspective on energy issues?

Through my research in Sweden, Norway, Spain and Portugal, I have come to understand how different national contexts approach the energy transition. Each country has its own history of development and its own relationship with natural resources. What interested me was understanding how these historical and political trajectories shape the way each society navigates the transition.

There is a lot of talk about green energy and climate targets. In a nutshell, what was the Energeo project seeking to understand?

What we set out to do was to put ourselves in the shoes of the people living in the regions

para 2050 deveriam ser cumpridas. Há um desfasamento entre as metas políticas e a realidade vivida nos territórios.

O projeto procurou perceber essa negociação e discrepância entre a política global e a vida local. Muitas vezes, as metas desaparecem no terreno e a realidade que as pessoas vivem é completamente outra.

Pode dar-nos um exemplo concreto disso?

Visitei uma aldeia numa zona de transição energética, em Cabo Delgado, onde uma empresa de energia renovável tinha instalado infraestruturas. Às comunidades locais tinham sido prometidas compensações e oportunidades de trabalho, mas as terras que havia para agricultura tinham sido alteradas, os empregos que surgiram eram precários e temporários, e muitos desapareceram com a pandemia, sem que as pessoas voltassem a ser chamadas. O que me marcou foi perceber a distância entre as intenções e a realidade. Os jovens, especialmente, sentiam-se desconectados do projeto: viam um horizonte de oportunidades anunciado pelo discurso oficial, mas na prática eram constantemente barrados no acesso a essa economia.

where the 2050 renewable energy targets are meant to be met. There is a clear disconnect between high-level political targets and the reality on the ground. The project sought to understand this negotiation and the discrepancy between global policy and local life. Ultimately, global targets often vanish on the ground, leaving people with a completely different reality.

Could you give us a specific example of this?

I visited a village within an energy transition zone in Cabo Delgado, where a renewable energy company had set up infrastructure. Instead, their farming land was altered, and the few jobs that did arise were precarious and temporary. Many of these jobs vanished during the pandemic, and people were never called back to work. What struck me was the stark gap between intentions and reality. Young people, in particular, felt completely disconnected from the project. They saw a horizon of opportunities promised by official rhetoric, but in practice, they were constantly barred from accessing this new economy.



“

Portugal tem uma narrativa forte de transição bem-sucedida, com números que a sustentam: uma grande fatia da produção energética já provém de fontes renováveis /

Portugal boasts a strong narrative of a successful transition, backed by data showing that a large share of its energy production already comes from renewables /

Que impacto teve essa desconexão nos jovens?

Esse sentimento de exclusão é, aliás, uma das explicações apontadas para a relação entre a região e a insurgência armada que se instalou. Isso mostra que a transição energética não é apenas sobre tecnologia ou metas climáticas, é sobre pessoas e comunidades que têm de viver com essas mudanças.

O projeto teve um dos seus encontros de trabalho de campo no estreito de Gibraltar. Que importância ganhou esse espaço na transição energética?

Os estreitos podem ser pensados não apenas como lugares de passagem, mas como lugares de ligação. O estreito, por exemplo, teve ao longo da história vários projetos de conexão, sendo que as versões mais recentes têm a ver com o transporte de energia, cabos de comunicação, mas também gás natural. Hoje representa a separação entre a Europa e a África, mas do ponto de vista geoenergético é

What impact did this disconnect have on young people?

This sense of exclusion is, in fact, one of the key factors used to explain the link between the region and the armed insurgency that took hold there. It shows that the energy transition is not just about technology or climate targets; it is about the people and communities who have to live with these changes.

One of the project's fieldwork meetings took place in the Strait of Gibraltar. What significance has this area acquired in the energy transition?

Straits can be thought of not just as passages, but as points of connection. Throughout history, the Strait of Gibraltar has been the focus of various connection projects, with the most recent ones involving energy transmission, communication cables and natural gas pipelines. Today, it represents the physical separation between Europe



cada vez mais visto como um ponto de ligação, com circulações entre a Espanha e Marrocos, e mais amplamente entre a União Europeia e o Norte de África. Como temos visto, no caso do estreito de Ormuz, quando há um conflito político, há interrupção dessas ligações, e daí resultam crises energéticas e de abastecimento.

Porque é que faz sentido juntar geografias tão distintas numa mesma investigação?

Queríamos compreender como a transição energética funciona em geografias completamente diferentes, com recursos naturais distintos, lítio, grafite, hidrogénio verde. Ao traçar essas conexões entre o Norte e o Sul, conseguimos perceber que há processos globais que atravessam estes países. Quer estejamos em Portugal, em Itália ou em Angola, há questões comuns sobre como os recursos são extraídos, quem se beneficia e quem paga o preço.

and Africa. However, from a geo-energy perspective, it is increasingly seen as a vital link, with energy flows moving between Spain and Morocco, and more broadly, between the European Union and North Africa. As we have seen with the Strait of Hormuz, when political conflicts arise, these connections are disrupted, leading to energy and supply crises.

Why does it make sense to bring together such distinct regions in a single research project?

We wanted to understand how the energy transition plays out in completely different regions with distinct natural resources such as lithium, graphite and green hydrogen. By drawing these connections between the Global North and Global South, we were able to see that global processes are at work across all these countries. Whether we are looking at Portugal, Italy or Angola, there are common issues regarding how resources are extracted, who benefits and who pays the price.



O que é que têm em comum?

A ideia de zonas de sacrifício. Em todos estes países, existem territórios que são considerados como servindo um interesse superior, quer seja nacional ou europeu, o que permite que certas coisas aconteçam ali e que não seriam aceitáveis noutros lugares. Algumas comunidades têm de desaparecer ou transformar-se radicalmente. Essa lógica de sacrifício atravessa todos os contextos que estudámos.

O projeto introduz o conceito de energo-geografias. O que significa exatamente?

Energo-geografias é um conceito operativo que tenta expandir a ideia de que a energia não é apenas uma questão técnica ou política, mas também uma questão profundamente geográfica e social. É sobre compreender que a energia está sempre localizada e territorializada.

What do they have in common?

The concept of sacrifice zones. In all these countries, certain territories are viewed as serving a higher national or European interest. This justification allows things to happen there that would be completely unacceptable elsewhere. As a result, some communities are forced to either disappear or undergo radical transformation. This logic of sacrifice runs through every single context we have studied.

The project introduces the concept of energo-geographies. What exactly does this mean?

Energo-geographies is an operational concept designed to build on the idea that energy is not merely a technical or political issue, but also a profoundly geographical and social one. Ultimately, it is about understanding that energy is always localised and territorialised.

E o que se ouve junto das comunidades chega aos lugares onde as decisões se tomam?

Sim, houve várias ocasiões em que conseguimos documentar contestações. Mas a questão é se essas vozes foram realmente ouvidas nos espaços de decisão. Muitas vezes, as comunidades protestam, mas as decisões já foram tomadas. O desafio é perceber como criar espaços onde essas vozes tenham poder real de mudar as coisas.

Portugal apresenta-se como um modelo de transição energética bem-sucedida. Concorda com essa narrativa?

Portugal tem uma narrativa forte de transição bem-sucedida, com números que a sustentam: uma grande fatia da produção energética já provém de fontes renováveis, cumprindo compromissos de descarbonização e diversificação.

E quando se olha para o terreno, essa narrativa resiste completamente ao escrutínio científico?

Esses números são reais em parte. O problema está na forma como o impacto ambiental é contabilizado: as energias renováveis apresentam números verdes na redução de carbono, mas por trás há mineração e extrativismo com grande impacto ambiental, só que esse impacto não acontece em Portugal, acontece nos países de onde vêm os materiais. Em Sines, por exemplo, a reconversão industrial e energética tem impactos concretos sobre o emprego e sobre a vida das comunidades, um dos casos que mostra que o modelo português é mais complexo do que a narrativa oficial deixa transparecer.

Há um conceito que atravessa a investigação nos contextos africanos, o de colonialismo climático. O que significa, concretamente?

O colonialismo climático refere-se à forma como os países do Norte Global continuam a beneficiar-se da exploração dos recursos naturais do Sul, mas agora com a desculpa da transição energética. Apresenta-se a ideia

And do the views expressed by local communities reach the places where decisions are made?

Yes, there have been several occasions when we have managed to document objections. However, the real question is whether those voices were actually heard in the decision-making forums. Often, communities protest, but the decisions have already been made. The challenge is to work out how to create spaces where these voices have real power to bring about change.

Portugal presents itself as a model for a successful energy transition. Do you agree with this narrative?

Portugal boasts a strong narrative of a successful transition, backed by data showing that a large share of its energy production already comes from renewable resources, meeting its commitments to decarbonisation and diversification.

And when you look at the reality on the ground, does that narrative stand up to scientific scrutiny?

These figures are only partly accurate. The problem lies in how environmental impact is accounted for: while renewable energy sources show positive data for carbon reduction, behind the scenes there is mining and extractivism with a major environmental footprint. In Sines, for example, industrial and energy restructuring has tangible impacts on employment and on the lives of local communities — making it one of the cases that shows the Portuguese model is far more complex than the official narrative suggests.

There is a concept that runs through research in African contexts: that of climate colonialism.

What does this mean, specifically?

Climate colonialism refers to the way in which countries in the Global North continue to benefit from the exploitation of the South's natural resources, but now under the guise of the energy transition. The rhetoric of green energy and decarbonisation is put forward, but in reality resources continue to be extracted, communities



Para quem vive em África, a transição energética global representa muitas vezes mais exploração, mais degradação ambiental e mais perda de autonomia sobre os seus próprios recursos /

For those living in Africa, the global energy transition often means more exploitation, more environmental degradation and a further loss of autonomy over their own resources /

de energia verde, de descarbonização, mas, na realidade, continua-se a extrair recursos, continua-se a deslocar comunidades, continua-se a beneficiar quem já tem poder. É a velha exploração colonial, com uma etiqueta verde.

África é o exemplo mais extremo disso? África continua a ser fornecedora de matérias-primas para o mundo desenvolvido. O lítio, o cobalto, o cobre, todos necessários para as tecnologias de energia renovável, são extraídos em África com custos sociais e ambientais enormes. Para quem lá vive, a transição energética global representa muitas vezes mais exploração, mais degradação ambiental e mais perda de autonomia sobre os seus próprios recursos.

Transição energética, sustentabilidade e ecologia usam-se muitas vezes como sinónimos. Essa confusão é inocente?

Hoje, a questão da energia tem colonizado o debate ambiental. Falar de ambiente é sobretudo falar de sustentabilidade energética. A ecologia é um conceito mais antigo, ligado a movimentos sociais de proteção da natureza, desde o Greenpeace até aos Fridays for Future. A sustentabilidade é mais recente, formalizada

continue to be displaced and those already in power continue to benefit. It is the same old colonial exploitation, just with a green label.

Is Africa the most extreme example of this?

Africa continues to be a supplier of raw materials to the developed world. Lithium, cobalt and copper — all of which are essential for renewable energy technologies — are extracted in Africa at an enormous social and environmental cost. For those living there, the global energy transition often translates into increased exploitation, worsening environmental degradation and a further loss of autonomy over their own resources.

Energy transition, sustainability and ecology are often used as synonyms.

Is this confusion innocent?

Today, energy has come to dominate the environmental debate. To talk about the environment is, above all, to talk about energy sustainability. Ecology is an older concept linked to social movements for the protection of nature, ranging from Greenpeace to Fridays for Future. Sustainability is a more recent concept, formalised by the United Nations

pelas Nações Unidas entre as décadas de 1970 e 1990, ligada ao desenvolvimento internacional. O próprio conceito de ecologia caiu em desuso, substituído pela ideia de ambiente, ligada aos debates sobre o Antropoceno. Mas ambos os conceitos têm sido alvo de apropriação política, tanto pela esquerda como, cada vez mais, pela extrema-direita em espaços rurais.

O projeto acabou, mas a transição energética não. Que bases deixa para o futuro?

O conhecimento produzido mostra que a transição energética tem de ser muito mais justa e atenta às realidades locais. Não pode ser apenas sobre tecnologia ou números de emissões. Tem de reconhecer que há perdedores neste processo e que eles têm direito a compensação e a voz no processo de decisão. O projeto deixa também a ideia de que a investigação tem um papel importante em documentar e denunciar as injustiças. E levanta questões importantes: para quem é esta transição? Quem ganha e quem perde? Essas perguntas têm de ficar no centro da agenda política. //

between the 1970s and 1990s, and closely tied to international development. The very concept of ecology has fallen out of favour, replaced by the notion of the environment and linked to debates on the Anthropocene. However, both concepts have been subject to political co-optation, both by the left and, increasingly, by the far right in rural areas.

The project has ended, but the energy transition has not. What foundations does it leave for the future?

The research shows that the energy transition must be far more equitable and attentive to local realities. It cannot be solely about technology or emissions figures. It must recognise that there are losers in this process who are entitled to compensation and a say in the decision-making process. The project also highlights that research plays a vital role in documenting and exposing injustices. And it raises crucial questions: who is this transition for? Who stands to gain and who stands to lose? These questions must remain at the heart of the political agenda. //



Ruy Blanes

CRIA
(polo Iscte)

Centro em Rede
de Investigação em
Antropologia

Centre for Research
in Anthropology

Energeo

Estuda as zonas que foram sacrificadas na transição energética: territórios e comunidades que, em nome do interesse coletivo, têm de se transformar ou desaparecer para a mudança acontecer.

Focusing on the zones sacrificed for the energy transition, the project examines the territories and communities forced to transform or disappear in the name of the collective good.

Sandra Mateus

“A academia precisa de se ligar ao pulsar da sociedade”

Financiado pela Comissão Europeia, o projeto H:ouse tem como objetivo último a promoção de uma mudança de paradigma nas políticas da habitação. A partir de experiências de “patrocínio comunitário” junto de comunidades de migrantes, é possível encontrar soluções para um dos maiores desafios europeus

“The academic world needs to keep its finger on the pulse of society”

Funded by the European Commission, the H:ouse project’s ultimate aim is to drive a paradigm shift in housing policy. By drawing on “community sponsorship” experiences within migrant communities, we can find solutions to one of Europe’s greatest challenges

por / by
Sara Belo Luís

tradução / translation
Arisai Vogel

fotografia / photograph
Luísa Ferreira



Sandra Mateus é peremptória: ainda que projetos como o H:ouse não sejam muito considerados na academia, são fundamentais para que o papel das universidades nos nossos dias seja repensado. “É interessante avançarmos no conhecimento, conversando entre pares e dialogando nas esferas próprias”, diz a socióloga. No entanto, acrescenta, é em projetos de investigação desta natureza que “o trabalho académico faz mais sentido”. Implementado em sete territórios de cinco países diferentes (Itália, Grécia, Eslovénia, Hungria e Irlanda), o H:ouse terminará no princípio do próximo ano e, daqui, espera-se, nascerão as bases de uma mudança que poderá influenciar as políticas habitacionais no continente europeu.

Começando pela questão da comunicação, aparentemente lateral ao H:ouse. Por que motivo se tornou tão importante no projeto?

A comunicação é muito importante porque um dos nossos objetivos principais é sensibilizar as populações mais vulneráveis para o direito à habitação. Queremos angariar pessoas para a ação, ao nível local, nos diferentes territórios em que os projetos estão a ser desenvolvidos por entidades que tentam criar redes. Há ainda outra dimensão, relacionada com o reconhecimento da vulnerabilidade, que é mais forte nas populações com origem migrante, requerentes de asilo e refugiados, por causa da crise de habitação e do momento político que estamos a atravessar.

Também tenho aqui perguntas sobre esse momento político...

Não tenho a certeza de conseguir responder, mas... É importante dizer que o H:ouse também pretende chamar a atenção para as especificidades destas comunidades no contexto da presente crise de habitação. Estas especificidades não podem ser ignoradas nem vão resolver-se sozinhas. Parte da divulgação que fazemos também pretende captar esforços cívicos das comunidades, angariar voluntários, envolver entidades que habitualmente não estão tão implicadas neste tipo de esforços...

Sandra Mateus is unequivocal: even though projects like H:ouse are not highly regarded in academia, they are fundamental to rethinking the role of universities today. “It is interesting to advance our knowledge by discussing matters amongst peers and engaging in dialogue within our respective fields” says the sociologist. However, she adds, it is in research projects of this nature that “academic work makes the most sense”. Implemented across seven regions in five different countries — Italy, Greece, Slovenia, Hungary and Ireland — H:ouse will come to an end early next year, and it’s hoped it’ll lay the foundations for a change that could influence housing policies across Europe.

Starting with the issue of communication, which might seem peripheral to H:ouse — why has it become so important to the project?

Communication is crucial because one of our main goals is to raise awareness among the most vulnerable groups about their right to housing. We want to mobilise people for action at a local level in the different regions where the projects are being run by organisations trying to build networks. There’s also another dimension relating to the recognition of vulnerability, which is more pronounced among people with a migrant background, asylum seekers and refugees due to the housing crisis and the current political climate.

I also have some questions here about this political moment...

I’m not sure I can answer them, but... It’s important to note that H:ouse also aims to draw attention to the specific circumstances of these communities within the context of the current housing crisis. These unique situations cannot be ignored, nor will they resolve themselves. Part of the outreach we do is also aimed at mobilising civic efforts within the communities, recruiting volunteers and engaging organisations that aren’t usually involved in this sort of work...



“

Queremos angariar pessoas para a ação, ao nível local, nos diferentes territórios em que os projetos estão a ser desenvolvidos por entidades que tentam criar redes /

We want to rally people into action at a local level, across the different territories where projects are being developed by organisations trying to build networks /

Como assim, quer exemplificar?

A responsabilidade social está mais presente nas questões ligadas à igualdade e à deficiência, por exemplo. No que diz respeito às populações migrantes, os privados não se sentem tão responsáveis por participar nos esforços de integração e de coesão social. Estas populações são duplamente penalizadas no acesso à habitação por constrangimentos burocráticos relacionados com a língua, os baixos salários, os próprios programas europeus...

What do you mean by that? Could you give an example?

Social responsibility is more prominent in issues related to equality and disability, for example. As far as migrant populations are concerned, the private sector doesn't feel as responsible for participating in efforts towards integration and social cohesion. These populations face a double disadvantage in accessing housing due to bureaucratic constraints related to language, low wages, and the European frameworks themselves...



Tem mesmo de existir articulação com o Estado. Sabemos que é ao nível local, da cidade e da comunidade, que o esforço é mais interessante, mas também não podemos deixar os cidadãos sozinhos nesta gestão /

There really has to be coordination with the State. We know that work is most meaningful at a local, municipal and community level, but we can't leave citizens to manage this on their own either /

Em que fase estão, nesse aspeto?

Este é sobretudo um projeto que gera redes, pensamento, conhecimento, capacita as pessoas, agrega recursos, boas-vontades, visão e experiência... E, até agora, os privados ligados à habitação têm sido os mais difíceis de captar. Estamos a conseguir parceiros que, por exemplo, dão formação sobre as regras de mercado, a linguagem ligada à habitação, a legislação em torno do arrendamento, mas não é a mesma coisa.

E quais são as expetativas, até ao fim do projeto, no próximo ano?

Até ao final do projeto, estas redes devem crescer e consolidar-se. Já alargaram muito, aliás... No último relatório, uma das coisas que percebemos foi que os parceiros foram capazes não só de criar laços mais fortes com parceiros com os quais já trabalhavam (organizações do poder local, juntas de freguesia, municípios, comissões ligadas aos serviços sociais, à saúde, à educação...) como de angariar novos parceiros nas próprias comunidades de migrantes.

Essas redes nas próprias comunidades funcionam sobretudo de maneira informal?

Ainda que informalmente, sabíamos que

What stage are you at in this regard?

Above all, this is a project that generates networks, thought and knowledge, empowers people and brings together resources, goodwill, vision and experience... And, so far, the private operators involved in housing have been the hardest to attract. We're securing partners who, for example, provide training on market rules, housing-related terminology and tenancy legislation, but it's not quite the same thing.

And what are the expectations by the end of the project next year?

By the end of the project, these networks should grow and become more established. In fact, they've already expanded considerably... Looking at the latest report, we noticed that partners didn't just strengthen their ties with existing networks — like local authorities, parish councils, municipalities and committees in social services, health and education — they also managed to bring in new partners from the migrant communities themselves.

Do these networks within the communities operate mostly informally?

Even if it's informal, we knew they were on the front line. During the first part of the project,

estavam na linha da frente. Na primeira parte do projeto, percebemos que há um conjunto de dispositivos que permite criar mais oportunidades: passa-palavra, recepção, funcionamento em rede... E as comunidades fazem isto sem qualquer tipo de apoio de instituições sociais ou ONG, de maneira informal e muito pouco presente na literatura. Portanto, se os conseguirmos trazer para as redes que estamos a criar, capacitamo-nos, reforçamos o poder e tornamos estas redes lugares com múltiplas vozes, o que também é interessante. Ouvir um membro de uma fundação ou de uma associação de bairro é muito diferente de ouvir alguém com experiência migratória a falar na primeira pessoa...

Há diferenças e semelhanças entre os vários países onde o projeto decorre?

Há muitas, sim. Há países em que o clima político estava — e está, talvez venha agora a ficar um bocadinho melhor... — particularmente pesado, como é o caso da Hungria. O nosso parceiro em Budapeste é uma associação ligada à inclusão através das artes que não operava na área da habitação, mas que através do projeto pode ligar-se a forças locais, até ligadas a partidos da oposição, em alguns casos. Na Hungria existe uma invisibilidade total destas questões e até alguma perseguição em relação aos parceiros. Em Itália, temos cidades de média dimensão, com comunidades muito fortes, com um terceiro setor habituado a trabalhar em parceria. Em Ravena, por exemplo, assistimos à criação de um manifesto contra o racismo na habitação. Em Pádua, também temos parceiros motivados, ligados a instituições religiosas.

Este projeto caminha sobre gelo fino ao cruzar dois dos temas mais desafiantes do atual contexto europeu: habitação e migração...

...Gelo fino é uma boa metáfora.

No princípio, tinham consciência de que iam tocar em temas tão sensíveis?

Tínhamos consciência, mas talvez não tivéssemos uma consciência completamente partilhada entre parceiros. Já nessa altura, em

we realised that there is a set of mechanisms that opens up more opportunities — things like word of mouth, welcoming people and networking. And the communities do this without any support from social institutions or NGOs, in an informal way that's barely documented in the literature. So, if we can bring them into the networks we're creating, we empower ourselves, strengthen our capacity and turn these networks into spaces with multiple voices, which is fascinating. Listening to someone from a foundation or a neighbourhood association is very different from hearing a person with a migration background speaking in the firsthand.

Are there differences and similarities between the various countries where the project is taking place?

There are plenty, yes. In some countries, the political climate was — and still is, though it might improve a little now — particularly tense, like in Hungary. Our partner in Budapest is an organisation dedicated to inclusion through the arts. They didn't use to operate in the housing sector, but through this project, they've been able to connect with local groups, including some linked to opposition parties in certain cases. In Hungary, these issues are completely invisible, and our partners even face some persecution. In Italy, we have medium-sized cities with very strong communities and a third sector that's used to working in partnership. In Ravenna, for example, we've seen the creation of a manifesto against racism in housing. In Padua, we also have motivated partners linked to religious institutions.

This project is walking on thin ice by combining two of the most challenging issues in Europe today: housing and migration...

...Thin ice is a good metaphor.

Were you aware from the outset that you'd be tackling such sensitive issues?

We were, but perhaps that awareness wasn't completely shared among all our partners. Even back then, in Portugal, we had a keener sense of



Portugal, tínhamos uma noção mais aguda, mas os parceiros húngaros ou eslovenos estavam mais distantes dessa escassez habitacional, por exemplo.

Nos países do Mediterrâneo, o impacto da migração é mais forte?

Sim, mas as redes de solidariedade também são mais fortes. Parte do nosso trabalho tem sido relembrar a essas redes pré-existentes o foco da habitação. Não podemos esquecer nem isolar a habitação de todas as outras esferas da integração, elas retroalimentam-se. Quando pensamos em soluções mais inovadoras, como a coabitação ou a habitação colaborativa, a dignidade desta participação é muito diferente se a pessoa for entendida na sua plenitude e não apenas a partir da sua vulnerabilidade.

Há algo que vos tenha surpreendido?

Bem, ainda estamos à espera que surjam mais surpresas... Mas talvez a primeira surpresa

the issue, whereas our Hungarian and Slovenian partners were further removed from that housing shortage, for example.

Is the impact of migration greater in Mediterranean countries?

Yes, but the solidarity networks are also stronger. Part of our work has been to remind these pre-existing networks to keep their focus on housing. We can't forget or isolate housing from all other areas of integration — they feed into one another. When we think about more innovative solutions, such as co-housing or collaborative housing, the dignity of this involvement is completely different if the person is understood in their entirety, rather than just through the lens of their vulnerability.

Has anything surprised you?

Well, we're still waiting for more surprises to emerge... But perhaps the first surprise was the near absence of migrant organisations in

tenha sido a quase ausência de organizações de migrantes nestas primeiras redes do projeto. Convidámos logo os parceiros a procurarem nos seus territórios organizações diaspóricas, a sentarem-se com elas para falar.

Esse é, digamos, o objetivo último deste projeto?

Para mim, pessoalmente, acho que é esse o objetivo último. O projeto é financiado pela Comissão Europeia e está muito vocacionado para disseminar a ideia de patrocínio comunitário. A primeira coisa que nós fizemos como académicos, nomeadamente a partir do Iscte, foi chamar a atenção de que o patrocínio comunitário só faz sentido no contexto europeu se estiver interligado com apoios públicos. Claro que precisamos de capacitar as comunidades, claro que precisamos de criar mesas cada vez mais alargadas, com uma enorme diversidade de interlocutores. Ninguém está excluído, as universidades, os senhorios, as agências imobiliárias, os próprios migrantes...

Alguns são mais fáceis de envolver que outros?

Claro que sim. E sentar todas estas pessoas implica preparar materiais em várias línguas, dar tempo para que as pessoas possam conhecer-se, ouvir-se com respeito e confiança... E também significa que não podemos implementar soluções de cima para baixo.

Como concluíram que estes instrumentos só funcionam quando articulados com políticas públicas?

Através de experiências anteriores, como aconteceu, por exemplo, em Portugal, no apoio aos refugiados, uma iniciativa da sociedade civil lançada em 2016 com uma força extraordinária e que mobilizou entidades, privados e cidadãos anónimos. Esse impulso inicial teve depois uma experiência prática fortíssima que também permitiu perceber que comunidades de cidadãos bem-intencionados têm expectativas relativamente à integração de pessoas. Mas a boa-vontade nem sempre é adequada do ponto de vista técnico e não tem, muitas vezes, o tempo requerido de um processo de

these initial project networks. We immediately invited our partners to seek out diaspora organisations in their own regions, and to sit down with them to talk.

Is that, shall we say, the ultimate aim of this project?

For me, personally, I think that's the ultimate aim. The project is funded by the European Commission and is very much geared towards promoting the idea of community sponsorship. The first thing we did as academics, particularly at Iscte, was to highlight that community sponsorship only makes sense in a European context if it's linked to public support. Of course we need to empower communities, and of course we have to create ever-broader roundtable discussions involving a huge diversity of stakeholders. No one is excluded — universities, landlords, estate agents, the migrants themselves...

Are some people easier to engage than others?

Of course they are. And bringing all these people together means preparing materials in various languages, giving people time to get to know each another and listening to one another with respect and trust... It also means we can't implement top-down solutions.

How did you come to the conclusion that these tools only work when linked to public policies?

Through previous experiences, like what happened in Portugal with refugee support — a civil society initiative launched in 2016 with extraordinary momentum that mobilised organisations, the private sector and ordinary citizens. That initial momentum was followed by a very powerful hands-on experience which also made it clear that communities of well-meaning citizens have their own expectations regarding integration. But goodwill isn't always enough from a technical perspective, and people often lack the time required for a proper integration process. There really must be coordination with the State. We know that work is most meaningful

integração. Tem mesmo de existir articulação com o Estado. Sabemos que é ao nível local, da cidade e da comunidade, que este esforço é mais interessante, mas também não podemos deixar os cidadãos sozinhos nesta gestão...

Para um académico, é um desafio um projeto com esta implementação no terreno?

Um enorme desafio. Mas é onde eu acho que o trabalho académico faz mais sentido. Gostava de ser clara sobre isto: é muito interessante avançarmos no conhecimento, conversando entre pares e dialogando nas esferas próprias, arredadas do que é a experiência social. O que estamos a fazer, porém, é um movimento diferente.

Porquê, porque a hierarquia entre as partes se inverte?

Exatamente, estamos aqui para servir o projeto. Claro que, quando as coisas correm bem, os parceiros compreendem o sentido da nossa intervenção, os dados ganham qualidade e também nós podemos disseminá-los. Estamos a fazer um esforço para isso, esperamos poder publicar em breve.

Nunca sentiu que olhassem para o académico como um “chato”?

Às vezes, sim, mas eu também quero acreditar que o que devolvemos a este fórum também faz os parceiros sentirem-se parte de um todo mais alargado. E isso também alivia as pressões locais. Não podemos chegar a estes sítios com sobrançeria, mas sim com uma enorme abertura para compreender os contextos em que estão a operar e perceber como é que podemos contribuir nessa operação. O que estamos a fazer também credibiliza o trabalho das próprias instituições: não se trata de uma avaliação externa, distanciada, é um dispositivo de avaliação interna, reflexivo e crítico.

E, por outro lado, também há quem olhe para vós e sinta que este trabalho pode ser confundido com um certo ativismo?

No caso do Iscte, como não estamos propriamente com uma equipa, a questão não se põe tanto... Há equipas académicas com o pé

at a local, municipal and community level, but we can't leave citizens to manage this on their own either...

For an academic, is a project with this kind of on-the-ground implementation a challenge?

A huge challenge. But that's where I think academic work makes the most sense. I'd like to be clear on this: it's very interesting to advance our knowledge by talking among peers and engaging in dialogue within our own circles, tucked away from the actual social experience. What we're doing, however, is a different kind of movement.

Why is that — because the hierarchy between the parties is reversed?

Exactly, we're here to serve the project. Of course, when things go well, our partners understand the purpose of our involvement, the data improves in quality and we're also able to disseminate it. We're making an effort to do that, and we hope to publish soon.

Have you ever felt that academics are seen as a “nuisance”?

Sometimes, yes, but I also want to believe that what we give back to this forum makes our partners feel part of a wider whole. And that also eases local pressures. We can't approach these places with an air of superiority, but rather with a great deal of openness to understand the contexts they're operating in and see how we can contribute to that work. What we're doing also lends credibility to the institutions themselves — this isn't a detached, external evaluation, but an internal, reflective and critical evaluation mechanism.

And, on the other hand, are there also those who look at you and feel that this work could be mistaken for a form of activism?

In the case of Iscte, since we don't exactly have a dedicated team, that question doesn't really arise... There are other academic teams more firmly rooted there. We're not serving a cause; we're serving a project. The fact that we're an



“

O H:ouse também pretende chamar a atenção para as especificidades das comunidades migrantes na presente crise de habitação /

H:ouse also aims to draw attention to the specific circumstances of these communities in the current housing crisis /

mais assente aí. Não estamos a servir uma causa, estamos a servir um projeto.

O facto de, internamente, sermos uma equipa interdisciplinar também ajuda muito. Portanto, eu não diria ativismo, embora ache que este tipo de projetos, apesar de não serem muito considerados academicamente, são muitíssimo interessantes para que a academia se pense e se ligue ao pulsar da sociedade. //

interdisciplinary group internally also helps a great deal. So I wouldn't call it activism, although I do think that this sort of project — despite not being highly regarded in academic circles — is incredibly valuable in helping academia reflect on itself and connect with the pulse of society. //



Sandra Mateus

CIES-Iscte

Centro de Investigação e
Estudos de Sociologia

Centre for Research and
Studies in Sociology

H:ouse

O projeto explora experiências bem-sucedidas de “patrocínio comunitário” para definir práticas e soluções eficazes nas políticas europeias de habitação. Pretende também criar uma rede de apoio para as comunidades migrantes.

By exploring successful “community sponsorship” initiatives, the project aims to shape effective European housing policies while building a robust support network for migrant communities.

SocioDigital Lab reúne ciência e decisão política

SocioDigital Lab brings together science and policy-making

A distância entre o conhecimento científico e a decisão política está no centro da 5.^a conferência anual do SocioDigital Lab for Public Policy (SDLab), que decorre nos dias 18 e 19 de novembro, no Iscte, em Lisboa. Sob o tema “A Ciência nas Políticas Públicas: do Conhecimento à Ação”, o evento junta investigadores, decisores políticos e representantes da sociedade civil para discutir como a evidência científica pode, de facto, moldar políticas públicas mais eficazes.

O SDLab promove uma abordagem interdisciplinar entre as ciências sociais e as tecnologias digitais para estudar e atuar sobre as políticas públicas, respondendo a desafios prementes da sociedade com impacto social e valor empresarial, e assegurando que as tecnologias funcionam com e para a sociedade. Em 2020, recebeu o estatuto de Laboratório Associado, reunindo seis unidades de investigação do Iscte e dois parceiros.

A conferência surge num momento de reconfiguração do sistema científico português, com a revisão em curso da Lei da Ciência, o processo de extinção da Fundação para a Ciência e Tecnologia e a sua fusão com a Agência Nacional de Inovação, e a recente aprovação do novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior. É neste contexto que a conferência do SDLab discute como a evidência científica pode informar as decisões públicas.

The gap between scientific knowledge and political decision-making is at the heart of the 5th annual conference of the SocioDigital Lab for Public Policy (SDLab), which takes place on 18 and 19 November at Iscte in Lisboa. Under the theme “Science in Public Policy: From Knowledge to Action”, the event brings together researchers, policy-makers and representatives of civil society to discuss how scientific evidence can, in fact, shape more effective public policies.

The SDLab promotes an interdisciplinary approach combining the social sciences and digital technologies to study and influence public policy, addressing pressing societal challenges with social impact and business value, and ensuring that technologies work with and for society. In 2020, it was granted the status of Associate Laboratory, bringing together six Iscte research units and two partners.

The conference takes place at a time when the Portuguese scientific system is undergoing restructuring, with the ongoing revision of the Science Act, dissolution process of the Foundation for Science and Technology and its merger with the National Innovation Agency, and the recent approval of the new Legal Framework for Higher Education Institutions. It is against this backdrop that the SDLab conference will discuss how scientific evidence can inform public decision-making.

18-19 NOV



18 DE NOVEMBRO DE 2026

- 9:00 – Registo e receção dos participantes
- 9:30 – Sessão de abertura
Helena Carreiras, Reitora do Iscte
Coordenação do SocioDigital Lab
- 10:00 – Keynote 1: “Science for Policy: What public decision-makers actually need from research”
Fabian Pereyra (European Union Drugs Agency)
- 11:30 – Mesa-redonda 1: “Da análise à ação: os dados que os decisores políticos pedem”
*Patrícia Sanches (INA), Luísa Loura (Pordata) e Carolina Nogueira (PLANAPP).
Moderação a confirmar*
- 14:30 – Mesa-redonda 2: “Desporto, Sociedade e Políticas Públicas”
*Cátia Miriam Costa (CEI-Iscte), representante da Confederação de Treinadores de Portugal, representante da Save the Dream e representante do Comité Olímpico de Portugal (a confirmar).
Moderação de Marcelo Moriconi*
- 16:30 – Mesa-redonda 3: “Spreading the word: communicating nature-based solutions”
Catarina Roseta-Palma, Chris Fitch, Jorge Cancela e Ana Simaens

19 DE NOVEMBRO DE 2026

- 9:30 – Registo e receção dos participantes
- 10:00 – Keynote 2: Maria de Lurdes Rodrigues
- 11:30 – Mesa-redonda 4: “Como o Parlamento utiliza (ou poderia utilizar) evidências científicas”
Alexandre Quintanilha, Filipa Roseta, Gabriel Mithá Ribeiro e Mariana Mortágua
- 14:30 – Mesa-redonda 5: “Governança integrada na formação profissional: novos caminhos nas regiões insulares”
Rui Marques, Renato Medeiros, Leonor Bettencourt e Francisco Simões
- 16:00 – Lançamento dos *policy briefs*
- 17:00 – Mesa-redonda 6: “Quem Participa? Da Escuta à Influência: Participação Significativa de Crianças e Jovens nas Decisões em Saúde”
Henrique Martins, Carla Moleiro, ComParte e Jovens Prós, e Inês dos Santos Figueira
- 18:30 – Sessão de encerramento com Jorge Costa, vice-reitor do Iscte e coordenação da comissão organizadora

A conferência é organizada por António Trigo, Marcelo Moriconi e Sofia Gaspar



18-19 NOV

18 NOVEMBER 2026

- 09:00 [PT] Registration and welcome
- 09:30 [PT] Opening session
Helena Carreiras, Rector of Iscte
SocioDigital Lab Management
- 10:00 [EN] Keynote 1: “Science for Policy:
What public decision-makers actually
need from research”
*Fabian Pereyra (European Union Drugs
Agency)*
- 11:30 [PT] Roundtable 1: “From analysis to
action: the data that policy-makers ask
for”
*Patrícia Sanches (INA), Luísa Loura
(Pordata) and Carolina Nogueira
(PLANAPP). Moderator to be confirmed*
- 14:30 Roundtable 2: “Sport, Society and
Public Policy”
*Cátia Miriam Costa (CEI-Iscte), a
representative from the Portuguese
Coaches’ Confederation, a representative
from Save the Dream and a representative
from the Portuguese Olympic Committee
(to be confirmed). Moderated by Marcelo
Moriconi*
- 16:30 [EN] Roundtable 3: “Spreading the
word: communicating nature-based
solutions”
*Catarina Roseta-Palma, Chris Fitch, Jorge
Cancela and Ana Simaens*

19 NOVEMBER 2026

- 09:30 Registration and welcome
- 10:00 [PT] Keynote 2: Maria de Lurdes
Rodrigues
- 11:30 [PT] Roundtable 4: “How Parliament
uses (or could use) scientific evidence”
*Alexandre Quintanilha, Filipa Roseta,
Gabriel Mithá Ribeiro and Mariana
Mortágua*
- 14:30 [PT] Roundtable 5: “Integrated
governance in vocational training: new
approaches in the insular regions”
*Rui Marques, Renato Medeiros, Leonor
Bettencourt and Francisco Simões*
- 16:00 Launch of the policy briefs
- 17:00 [PT] Roundtable 6: “Who Participates?
From Listening to Influencing:
Meaningful Participation of Children
and Young People in Health Decisions”
*Henrique Martins, Carla Moleiro, ComParte
and Jovens Prós, and Inês dos Santos
Figueira*
- 18:30 Closing session with Jorge Costa,
vice-rector of Iscte and coordinator of
the organising committee

The conference is organised by António Trigo, Marcelo Moriconi and Sofia Gaspar

Sérgio de Almeida Matos

“Um dos objetivos da ciência, além do conhecimento, é trazer inovação”

Preparar o 6G e criar ligações sem fios com capacidades muito superiores às do 5G. Eis o principal desafio do projeto Terrameta, que até já tem produtos aplicados pela indústria europeia

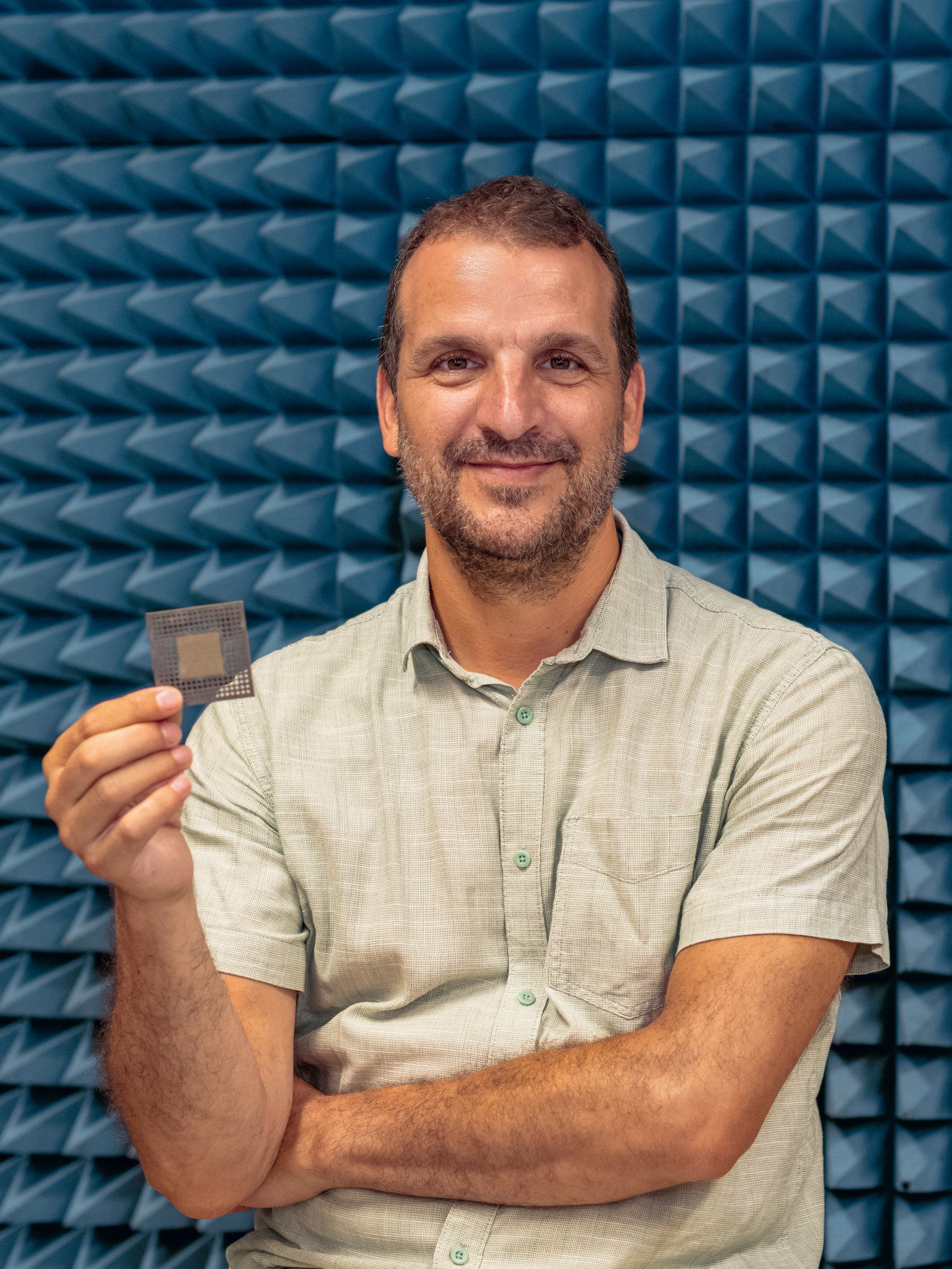
“One of the goals of science – aside from creating knowledge – is to drive innovation”

por / by
Sara Belo Luís

tradução / translation
Arisai Vogel

fotografia / photograph
Luísa Ferreira

Preparing for 6G by creating wireless connections with capabilities far superior to 5G is the main challenge facing the Terrameta project – which already has prototypes being tested within European industry





Diz que durante o doutoramento esteve muito tempo entregue às contas e que, por isso, agora, é particularmente recompensador ver aplicada muita da investigação que tem desenvolvido no Terrameta, um projeto de três anos iniciado em janeiro de 2023 e que visa encontrar novas tecnologias para o 6G. Assim, explica, é possível perceber “o que funcionou, o que não funcionou e identificar as verdadeiras restrições”. E acrescenta: “Muitas vezes, estamos obcecados em ter uma pequena melhoria que, na prática, não é o mais importante para o sistema.”

Terrameta é um projeto sobre 6G — o que tem de diferente?

Este projeto insere-se no âmbito dos objetivos da União Europeia, que pretende desenvolver novas tecnologias de 6G — por isso, usamos tecnologia e parceiros europeus. Queremos produzir protótipos de

He says that during his PhD, he spent a lot of time on calculations. Because of that, it’s now incredibly rewarding to see so much of his research being applied in Terrameta — a project launched in January 2023 to discover new technologies for 6G. He explains that this allows them to understand what worked, “what didn’t work and what the real constraints are.” He adds: “We’re often obsessed with achieving a small improvement that doesn’t actually matter for the system in practice.”

Terrameta is a project on 6G — what makes it different?

This project aligns with the European Union’s goals to develop new 6G technologies — which is why we’re using European technology and partners. Our focus is on increasing 6G capacity and producing prototypes for smart surfaces.

“

A partir do momento em que conferimos inteligência e capacidade de configuração, existe uma segunda camada, mais alta, em que se avalia o resultado de todas as comunicações no ambiente e se tenta otimizar o estado da rede. É o conceito de *smart environments* /

Once we've incorporated intelligence and configurability, there's a second, higher-level layer that evaluates the outcome of all communications within the environment and seeks to optimise the state of the network. This is the whole concept behind smart environments /

possíveis superfícies inteligentes e estamos focados em aumentar a capacidade do 6G.

Que casos testaram?

Vários. O mais aplicado, digamos, é o que resulta da parceria com a Dell. Aí, precisávamos especificamente de maior capacidade de ligação entre robôs e a estação base. E porquê? Porque a Dell quer que os robôs tenham autonomia, consigam mover-se na fábrica, identificar em tempo real e, portanto, as atuais tecnologias sem fios não resultam. Pode ser feito com fios, mas sempre que a fábrica precisa de ser reestruturada ou mudada já não funciona, é preciso arrancar os fios. Trata-se de um *use case* onde a capacidade nesta banda de frequências em que estamos a trabalhar pode fazer a diferença.

Estava definido desde o princípio?

Sim, quando fizemos a proposta, tínhamos já alguns casos. Acabámos por dar ênfase ao que tínhamos mais avançado e esse acabou

What use cases have you tested?

Several — but the most widely applied, so to speak, is the one resulting from our partnership with Dell. In that case, we specifically needed greater connectivity between the robots and the base station. Why? Because Dell wants the robots to be autonomous — able to move around the factory floor and identify objects in real time — which means current wireless technologies just don't work. It can be done with cables, but whenever the factory layout needs to be restructured or altered, that setup no longer works because the cables have to be removed. This is a use case where the capacity of the frequency band we're working on can make all the difference.

Was this defined from the outset?

Yes — when we put forward the proposal, we already had a few use cases in mind. We ended up focusing on the one we'd developed furthest, and that turned out to be one of the main

por ser um dos principais. Conseguimos fazer demonstrações em que o parceiro da Dell trouxe cá o robô com a câmara — numa reunião em Lisboa, houve uma simulação em que o robô tira a imagem, transmite-a e recebe-a. Conseguimos ver quase em ambiente real e medir o aumento da capacidade. Chegámos a este nível, fomos desde a parte de desenvolver hardware, colocar as antenas e fazer toda a cadeia.

É essa uma das vantagens do projeto?

Sim. No Instituto de Telecomunicações, sou responsável pela parte de desenvolvimento destas superfícies inteligentes do hardware. Já tínhamos algum conhecimento de simulação numérica e também já tínhamos desenvolvido alguma implementação. Agora, juntámos outros parceiros e outra tecnologia aplicada e, por isso, conseguimos fazer protótipos mais avançados. Estão todos funcionais e vamos entregá-los à União Europeia, juntamente com os resultados.

A Europa precisa de se posicionar e deixar de correr atrás do prejuízo no que diz respeito ao 6G?

As parcerias desenvolvidas no âmbito deste projeto não são apenas parceiros individuais a fazer o seu trabalho. É, de facto, uma parceria relativamente à colaboração e à partilha de resultados. Temos protótipos que nunca tínhamos visto, temos capacidade de aplicar os nossos desenhos em coisas que normalmente não conseguiríamos, conseguimos fazer medições que habitualmente não conseguimos fazer. É uma banda de frequências desafiante.

Porquê? Porque tem mais dados?

A tendência é: sobe-se na frequência, temos mais capacidade, mais dados, mais bits por segundo e conseguimos enviar. Em aplicações que exijam a transmissão de muitos dados em tempo real, como é o caso que descrevi há pouco, isto é, de facto, algo que faz a diferença.

Mais dados e mais rápidos, é isso?

Sim, é esse o objetivo final. É um conceito um pouco diferente do que tem existido até agora, com o telemóvel. À medida que subimos na frequência, precisamos de uma comunicação

ones. We managed to carry out demonstrations where Dell's partner brought the robot with the camera here — at a meeting in Lisbon, there was a simulation in which the robot captured the image, transmitted it and received it. We were able to see it in almost a real-world environment and measure the increase in capacity. We've reached this level; we've gone from developing the hardware, installing the antennas and setting up the entire chain.

Is that one of the advantages of the project?

Yes. At the Institute of Telecommunications, I'm responsible for the hardware development side of these smart surfaces. We already had some knowledge of numerical simulation and had also developed some implementations. Now, we've brought in other partners and applied further technology, which has enabled us to produce more advanced prototypes. They're all fully functional, and we'll be handing them over to the European Commission along with the results.

Does Europe need to take a stand and stop playing catch-up when it comes to 6G?

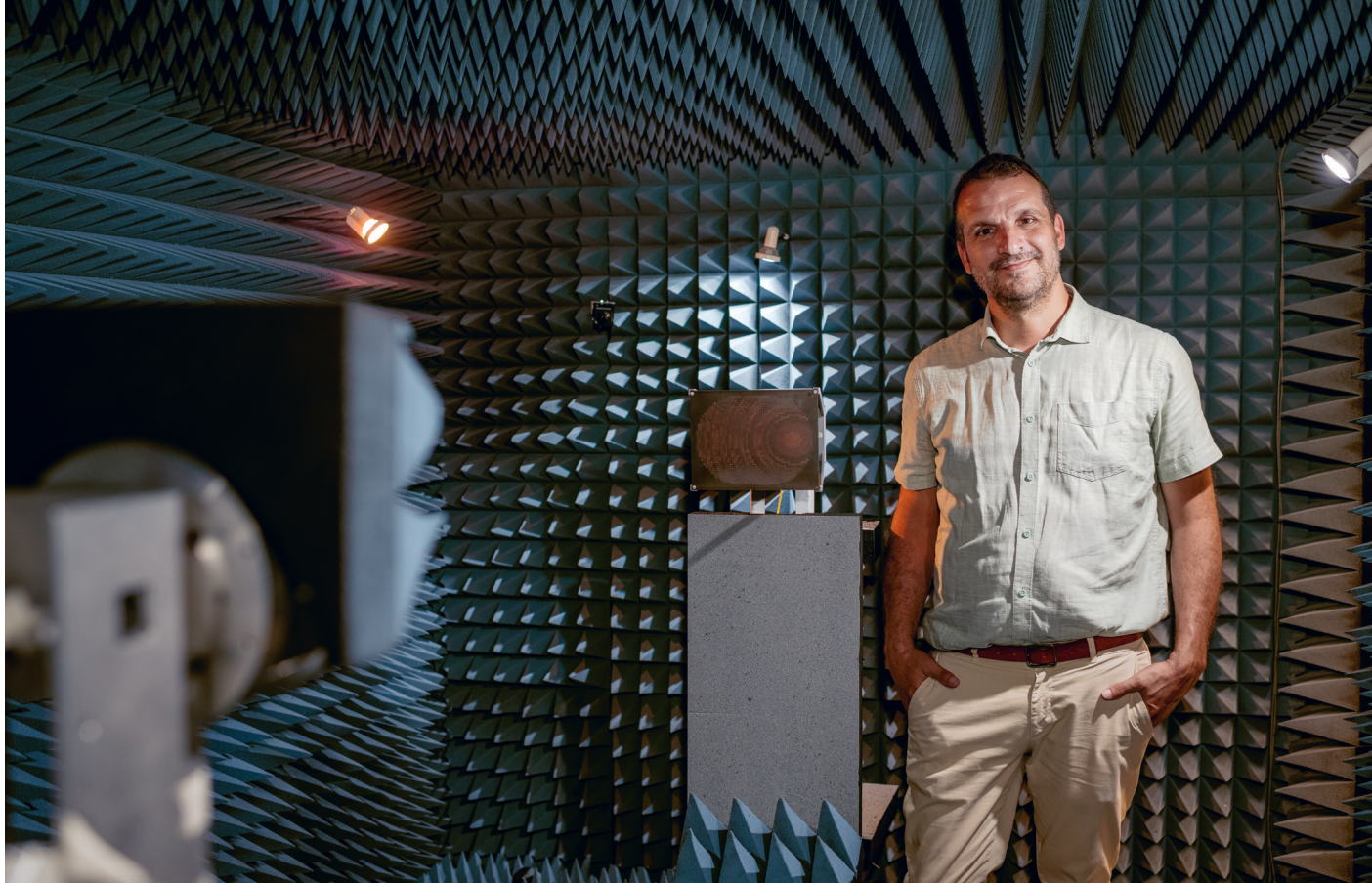
The partnerships developed within this project are not just about individual partners doing their own work. It's actually a partnership based on collaboration and sharing results. We have prototypes we've never seen before, we have the ability to apply our designs to things we wouldn't normally be able to and we've managed to take measurements that we usually can't. It's a challenging frequency band.

Why? Because there's more data?

The trend is this: as you move up the frequency spectrum, you get more capacity, more data, more bits per second to transmit. In applications that require transmitting massive amounts of data in real time — like the scenario I described earlier — this really does make a difference.

More data and faster speeds, is that it?

Yes, that's the ultimate goal. It's a slightly different concept from what we've seen so far with mobile phones. As we move up the



quase por “raios” (nestas frequências, o sinal atenua-se e desaparece muito rapidamente). E isto faz toda a diferença do ponto de vista da comunicação. É preciso direcionar, as antenas precisam de ser inteligentes para dizer para onde querem mandar os raios e anular fatores que possam interferir nessa comunicação.

Isso constitui uma novidade na investigação?

Esta tecnologia não estava a ser desenvolvida, havia um *gap* nesta banda de frequência que estamos a tentar colmatar. E julgo que conseguimos fazê-lo com sucesso. A partir do momento em que conferimos inteligência e capacidade de configuração, existe uma segunda camada, mais alta, em que se avalia o resultado de todas as comunicações no ambiente e se tenta otimizar o estado da rede. O conceito de *smart environments* é justamente sobre isto. Além disso, também queremos que tudo decorra de forma eficiente, com pouco consumo de energia, temos essa preocupação.

Voltando à minha pergunta de há pouco: a Europa ainda vai a tempo de apanhar o comboio do 6G?

Este projeto é uma maneira de a Europa

frequency spectrum, we need communication that’s almost like “lightning” — because at these frequencies, the signal attenuates and disappears very quickly. And this makes all the difference from a communication perspective. We need to direct the signal; the antennas need to be smart enough to determine where to send the “beams” and to cancel out any factors that might interfere with that communication.

Is this a new development in research?

This technology wasn’t being developed; there was a gap in this frequency band that we’re trying to fill. And I believe we’ve managed to do so successfully. Once we’ve incorporated intelligence and configurability, there’s a second, higher-level layer where the outcome of all communications in the environment is assessed and attempts are made to optimise the state of the network. The concept of smart environments is precisely about this. Furthermore, we also want everything to run efficiently, with low energy consumption — that is a key concern for us.

Going back to my question from earlier: is Europe still in time to catch the 6G train?

This project is a way for Europe to catch that train. Although, when we talk about trains,

apanhar o comboio. Se bem que, se falamos de comboios, são sempre muitos comboios... E uns têm TGVs e outros não *[risos]*.

Há empresas interessadas?

Temos tido uma boa colaboração com a indústria europeia. Do ponto de vista da academia, este projeto é ótimo porque permite-nos observar a sua aplicação e, simultaneamente, as empresas acabam por ver o seu equipamento ligado numa cadeia. Também temos empresas especializadas em desenho de componentes inteligentes que veem aqui uma nova aplicação para o seu produto. Um dos parceiros industriais do Terrameta, a ACST, uma empresa média alemã, desenvolveu um produto que já está no seu portfólio.

Que produto?

A empresa vende vários componentes nestas frequências de Terahertz. E conseguiram, de facto, desenvolver um componente novo: um dos problemas destas frequências é a fonte onde é gerado o sinal ter energia suficiente. Como este sinal é muito ténue, é preciso aumentar um pouco a potência, o que, nesta banda dos Terahertz, não é nada fácil. Para nós, foi muito bom, foi um dos pontos altos do projeto.

Para um investigador, é importante esta aplicação?

Para mim, é essencial. Ao conseguirmos aplicar o que estamos a fazer, conseguimos perceber o que funcionou, o que não funcionou e identificar as verdadeiras restrições. Muitas vezes, estamos obcecados em ter uma pequena melhoria que, na prática, não é o mais importante para o sistema. Às vezes, só assim conseguimos perceber que é melhor reduzir um bocadinho o consumo, conceder outra característica... Fiz o doutoramento muito fechado, a fazer contas e, portanto, à medida que vou progredindo, acho enriquecedor ter este percurso. Um dos objetivos da ciência, além do conhecimento, é trazer alguma inovação, fazer a diferença.

Pergunta de uma criança de cinco anos...
São as melhores perguntas *[risos]*.

there are always lots of them — and some countries have high-speed trains whilst others don't. *[laughter]*

Are there any companies interested?

We've enjoyed great collaboration with European industry. From an academic perspective, this project is excellent because it allows us to observe its real-world application, while at the same time, companies get to see their equipment integrated into a production line. We also have companies specialising in the design of smart components that see a new application for their product here. One of Terrameta's industrial partners — ACST, a medium-sized German company — has developed a product that is already part of its portfolio.

What product?

The company sells various components operating at these Terahertz frequencies. They've actually managed to develop a new component — you see, one of the main problems with these frequencies is making sure the source generating the signal has enough power. As this signal is very weak, you have to boost the power slightly, which isn't easy at all in this Terahertz band. For us, it was excellent — it was one of the highlights of the project.

Is this application important for a researcher?

For me, it's essential. By being able to apply what we're doing, we can understand what worked, what didn't, and identify the real constraints. Often, we're obsessed with achieving a small improvement that doesn't actually matter for the system in practice. Sometimes, this is the only way we realise that it's better to reduce consumption slightly, or to prioritise another feature instead... I spent my PhD working in a very insular way, just crunching numbers — so as I progress, I find this approach incredibly enriching. One of the goals of science — aside from creating knowledge — is to drive innovation and make a difference.

A question from a five-year-old...
Those are the best questions *[laughter]*.



Do ponto de vista da academia, este projeto é ótimo porque permite-nos observar a sua aplicação e, simultaneamente, as empresas acabam por ver o seu equipamento ligado numa cadeia /

From an academic perspective, this project is excellent because it allows us to observe how it's applied — while at the same time, companies get to see their equipment integrated into a production line /

Esta técnica — o tal Reconfigurable Intelligent Surface — já é usada no 5G?

Não, e é justamente uma das tecnologias que pode possibilitar subirmos na frequência. Mas as fronteiras são um bocadinho difíceis de definir porque estas superfícies podem ser próximas das antenas e essas antenas passam a ser reconfiguráveis. Há soluções, mas são nichos, digamos que não é o mais comum.

Mais perguntas de criança: o que permite exatamente que elas transportem mais dados e com mais velocidade?

É fácil de responder. Resume-se ao facto de termos sinal suficiente, intensidade de sinal suficiente, para distinguirmos do ruído e, portanto, quanto mais potência tiver disponível, mais capacidade de informação tem. Depois, funciona como o código morse: se mandarmos um conjunto de dados nesta frequência, conseguimos bater mais rápido num pulsar e enviar mais dados por segundo. A tendência é, portanto, sempre subir a frequência para conseguirmos sempre mandar mais, ter mais informação.

O que também é um grande desafio, certo?

Certo. E também precisamos de uma forma mais eficiente de transportar energia. Atualmente,

Is this technique — the so-called Reconfigurable Intelligent Surface — already being used in 5G?

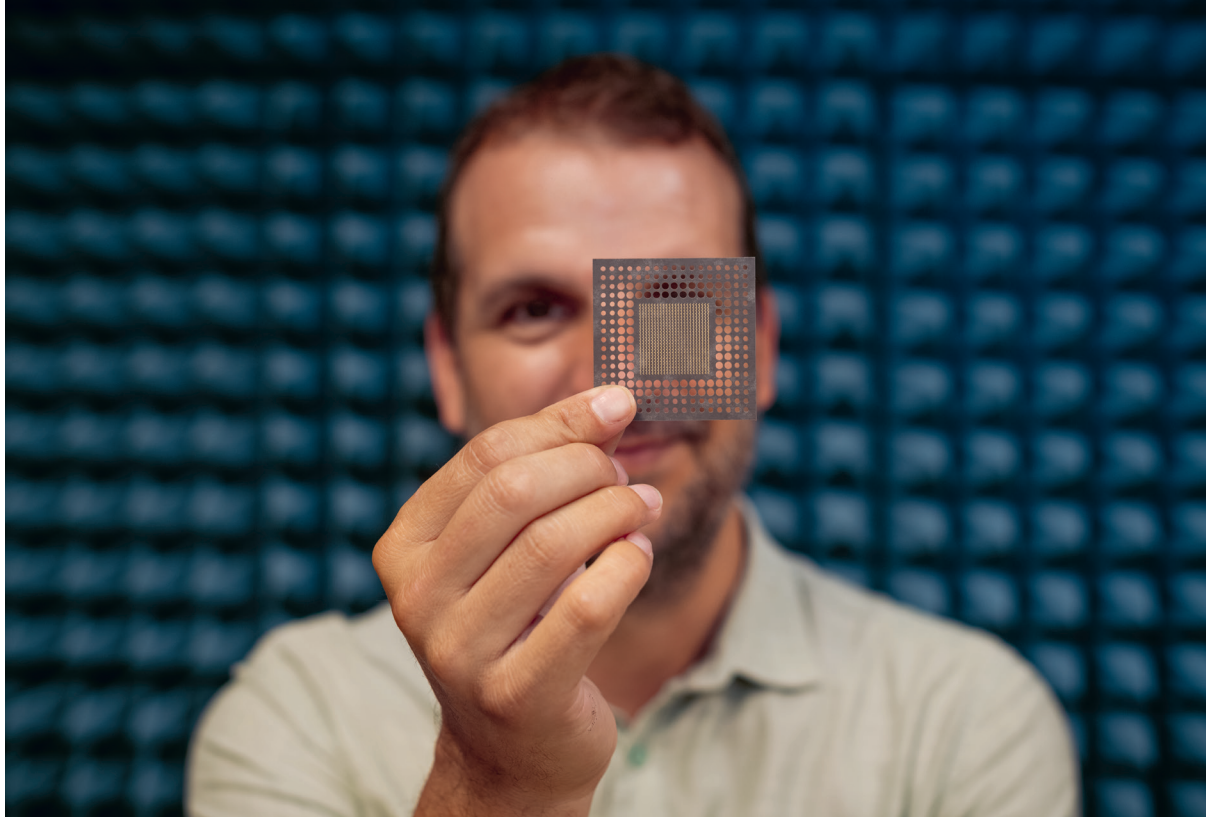
No — and it's precisely one of the technologies that could enable us to move up the frequency spectrum. But the boundaries are a bit blurry because these surfaces can be placed right next to the antennas, which then makes the antennas themselves reconfigurable. There are solutions, but they're niche — let's just say it's not the most common approach.

More questions from a child: what exactly enables them to carry more data at higher speeds?

It's actually pretty simple to explain. It all boils down to making sure we have a strong enough signal so it doesn't get lost in the background noise — because the clearer the signal, the more information it can hold. Think of it like Morse code: if we use a much higher frequency, it's like being able to tap the messages out way faster. So, the goal is always to push the frequency higher so we can send data faster and pack in more information.

Which is also a major challenge, isn't it?

That's right. And we also need a more efficient way of transmitting energy. Right now, mobile



os telemóveis têm uma antena que irradia raios para quase todas as direções. Não há, portanto, grande direcionamento do fecho, não há necessidade de haver estas superfícies a tentar criar caminhos. Só que, a partir do momento em que criamos raios, temos problemas de obstrução: por exemplo, um objeto que se mete à frente impede-nos logo de comunicar. A solução pode, de facto, passar pelo facto de a antena reenca minhar para a tal superfície inteligente e criar aqui um caminho. Só que isso tem de ser feito quase em microssegundos.

Pode o 6G mudar ainda mais a forma como estamos a usar a tecnologia?

Tudo depende das aplicações que venhamos a ter. Do meu ponto de vista, acho que teremos cada vez mais ambientes inteligentes.

Por exemplo, entramos numa sala, pomos uns óculos e conseguimos interagir com tudo.

Por isso, as aplicações têm tendência a ser cada vez mais realistas, mais imersivas.

Em que medida pode a Inteligência Artificial fazer a diferença em projetos como este?

Pode ser aplicada para otimizar superfícies, decidir qual a melhor configuração e, se calhar, ajudar a minimizar o consumo...

A vantagem é agregar padrões, é uma boa

phones have an antenna that radiates signals in almost every direction. There's no real directional focus, so there's no need for these surfaces to try to create pathways. However, as soon as we create beams, we run into obstruction problems — for example, an object getting in the way immediately cuts off communication. The solution may involve the antenna rerouting the signal to a smart surface to create a new path. But this has to be done in a matter of microseconds.

Could 6G further change the way we use technology?

It all depends on the applications we end up with. From my point of view, I think we'll see more and more smart environments. For example, we'll walk into a room, put on a pair of glasses and be able to interact with everything. So, the applications will tend to become increasingly realistic and immersive.

To what extent can Artificial Intelligence make a difference in projects like this?

It can be used to optimise spaces, decide on the best configuration and perhaps help minimise energy consumption... The advantage is that it identifies patterns — it's a useful tool whenever there's a large collection of data.

ferramenta em tudo o que seja uma grande coleção de dados.

Estamos deslumbrados?

É melhor não entrar por aí... [risos]. Nesta fase, o que é importante é não perdermos a nossa capacidade, a nossa autonomia. Para os nossos alunos, a Inteligência Artificial é um desafio enorme — porque as respostas saem maravilhosamente bem estruturadas e, por isso, é difícil distinguir o que é, de facto, lógico e o que não é. Costumo dizer que o princípio do menor esforço — ou da ação mínima — é muito forte. Temos uma maneira simples de obter a resposta, decoramos essa maneira porque é a mais rápida de fazer e, para quem está a começar, fica difícil entender o trabalho que se tem de ter a ler livros e assim.

A ciência também nasce da curiosidade e da tentativa de contrariar essa tendência que temos para a inércia?

Onde se aprende mais é a errar, não é a acertar.

De onde surgiu o nome do projeto, Terrameta?

Boa pergunta... Acho que “meta” vem de “materiais”, porque se trata de superfícies que não são bem superfícies, são geradas, são superfícies artificiais. “Terra” remete para a palavra chão e, além disso, faz lembrar todos os ciclos da terra. //

Are we getting carried away?

It's best not to go down that road... [laughs]. At this stage, what's important is that we don't lose our own capabilities — our autonomy. For our students, Artificial Intelligence is a huge challenge — because the answers come out beautifully structured and, as a result, it's hard to tell what's actually logical and what isn't. I often say that the principle of least effort — or minimal action — is very powerful. When we have a simple way of getting an answer, we memorise that method because it's the quickest way to do it. For those just starting out, it's hard to understand the work involved in reading books and so on.

Does science also stem from curiosity and from trying to fight our natural tendency towards inertia?

You learn more from making mistakes than from getting things right.

Where did the name of the project, Terrameta, come from?

Good question... I think “meta” comes from “materials”, because these are surfaces that aren't really surfaces — they're engineered, artificial surfaces. “Terra” refers to the earth and, moreover, brings to mind all of the cycles of our planet. //



Sérgio de Almeida Matos

IT Polo Iscte

Instituto de
Telecomunicações

Telecommunications
Institute

Terrameta

Propõe-se desenvolver novas tecnologias de 6G, nomeadamente através de ligações sem fios e da produção de protótipos de superfícies inteligentes.

Aims to develop new 6G technologies, namely through wireless links and the production of intelligent surface prototypes.

Ana Maria de Almeida

“É importante deixar os dados contar as suas histórias”

Vulgarizam-se os aparelhos que apoiam a monitorização de problemas de saúde ou são, eles mesmos, parte do tratamento: *pacemaker* ou outros dispositivos implantados. Armazenam-se dados médicos – mas o acesso precisa de ser regulamentado

“It is important to let the data speak for itself”

Devices that support the monitoring of health conditions, or which are themselves part of the treatment – such as pacemakers or other implanted devices – are becoming increasingly common. Medical data is stored – but access to it needs to be regulated

por / by
Luísa Rego

tradução / translation
Arisai Vogel

fotografia / photograph
Luísa Ferreira



“A natureza faz revelações”, dizia o poeta Drummond de Andrade. A máxima serve também a investigadora das áreas da matemática, da computação e das ciências da complexidade, que quer ser deslumbrada em cada projeto. Acredita que os dados não respondem só a perguntas, mas também contam as suas próprias histórias. Saibamos nós escutá-los.

Como é que a Inteligência Artificial gera preocupações quando falamos em dispositivos médicos?

A interação de um dispositivo médico com as aplicações de Inteligência Artificial (IA) está a ser usada para extrair conhecimento dos dados produzidos pelo dispositivo e para detetar condições anómalas. Com o Ato para a Inteligência Artificial (AI Act), é necessário que haja uma interface padronizada para interação. Isto não se refere ao dispositivo em si, pois disso tratam as normas de engenharia. A questão é saber que dados podem ser tratados e que tratamento pode ser dado a esses dados. E não existe nada!

O que é preciso fazer?

Estão a ser desenvolvidas tentativas de orientação. A União Europeia (UE) tem um projeto generalista de orientação e padronização nas aplicações de IA. Mas, no campo da saúde, é mesmo preciso um standard. Estamos a trabalhar com uma equipa internacional no desenvolvimento desse standard, que em breve vai ser apresentado a organizações internacionais.

Será uma norma?

Sim. São linhas orientadoras sobre como se deve fazer a ligação dos dispositivos ao paciente, o que se pode ou não fazer com os dados extraídos pelo dispositivo, como armazená-los, qual o acesso para tratamentos... Tudo isto tendo em conta que estamos na Europa, onde há Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) e AI Act, o Regulamento Inteligência Artificial,

“Nature makes revelations,” said the poet Drummond de Andrade. This maxim also applies to researchers in mathematics, computing and complexity sciences, who seek to be amazed by every project and who believe that data not only answers questions, but also tells its own stories. Let’s learn to listen to them.

How does Artificial Intelligence raise concerns when we talk about medical devices?

The interaction between AI and medical devices allows researchers to extract knowledge from device data and detect abnormal conditions. Under the Artificial Intelligence Act (AI Act), there must be a standardised interface for interaction. This does not refer to the device itself, as that is covered by engineering standards. The issue is having official technical standards for what data we can process and how to process it. And they aren’t actually in place yet!

What needs to be done?

The European Union (EU) already has a broad standardization framework for AI applications, but healthcare really needs its own specific rules. We are working with an international team to build this medical standard, which we will present soon to global organizations.

Will it be a standard?

Yes. It establishes rules on how devices should connect to patients, what can and cannot be done with the extracted data, how to store it, and who has access for clinical purposes... All of this takes into account that we are in Europe, where we have the General Data Protection Regulation (GDPR) and the AI Act, which require transparency, accountability, and tracking exactly who accesses data and which applications use it. Even if a patient makes their data available, an AI system must specify what it used, when, for what purpose and how. And some forms of data processing



que obriga a transparência, prestação de contas, rastreamento do acesso a todos os tratamentos, e saber que tipo de aplicações estão a usar esses dados.

Mesmo que eu tenha os dados e o paciente os tenha disponibilizado, qualquer sistema de IA tem de dizer o que é que usou, quando usou, em que é que usou, como é que usou.

E há tratamentos de dados que não são sequer permitidos. Este standard tentará incorporar o aspeto regulatório, o aspeto técnico e a utilização destas plataformas que vão ser o nosso dia a dia.

O AIH insere-se num trabalho que está a ser feito a nível internacional?

Sim. Participo ainda num outro projeto financiado pela UE em que vários grupos de peritos (estou no da IA) tentam lançar a interoperabilidade. Estamos a tentar coordenar os esforços da Europa, Canadá, EUA e China para que, quando houver standards, eles sejam realmente globais.

O nosso projeto está englobado na grande tendência que existe no tratamento de dados médicos e farmacológicos, que é

aren't allowed at all. This standard will bring together the regulatory rules, the technical side, and the use of these platforms in everyday clinical practice.

Is Iscte's AI Health (AIH) project part of an ongoing international effort?

Yes. I am also involved in another EU-funded project where various expert panels — I sit on the Artificial Intelligence group — are working to establish true interoperability. We are trying to coordinate efforts across Europe, Canada, the US and China so that, when standards are established, they are truly global. Our project aligns with a major shift in how medical and pharmacological data is handled, known as 'distributed learning.' Sensitive medical data — now referred to as 'special categories' — must remain as private as possible.

Whatever device we use, such as an insulin pump, we know we are being monitored (all sensor-equipped devices can be tracked remotely). In the Portuguese National Health Service (SNS), patients have to visit the hospital periodically to have their device data

“

Qualquer que seja o aparelho que usemos, como um distribuidor de insulina, sabemos que estamos a ser monitorizados /

Whatever device we use, such as an insulin pump, we know that we are being monitored /

a “aprendizagem distribuída”. Os dados médicos sensíveis — hoje são designadas “categorias especiais” — têm de se manter o máximo privados.

Qualquer que seja o aparelho que usemos, como um distribuidor de insulina, sabemos que estamos a ser monitorizados (todo o equipamento sensorizado pode ser seguido remotamente). No Serviço Nacional de Saúde (SNS), é frequente o paciente ir ao hospital de tempos a tempos, descarregar os dados do equipamento e eles serem analisados nessa altura. Isso deixaria de ser necessário, pois os dados podem ser monitorizados e usados remotamente 24 horas por dia.

extracted and analyzed. This will no longer be necessary, as the data can now be streamed and used remotely in real time.

But what is “distributed learning”?

The current trend in medicine and pharmacology is acknowledging that data is “local”. This is where on-device computing comes in. The data stays right there on the sensor, the machine, or the patient’s smartphone — it stays with the person. When something out of the ordinary happens, the system sends an alert to a central server. This approach adds an extra layer of security and prioritizes patient privacy. This feeds directly into distributed learning: the AI applications



Mas o que é a “aprendizagem distribuída”?

A tendência na medicina e na farmacologia é saber que os dados “estão locais”, o que chamamos de “computação no dispositivo”. Estão no sensor, na máquina, no smartphone, estão com a pessoa. Quando há algo excepcional, passam-se os alertas para um sistema central. Isto implica uma camada de segurança e enfatiza a necessidade de manter a privacidade do paciente. Então, o que se está a fazer é “aprendizagem distribuída”: as aplicações de IA correm localmente; quando é preciso alguns dados são passados, mas não todos. Há uma camada de segurança muito grande.

run locally on the user’s hardware, and only essential data points are shared. It creates a highly robust security layer. On top of that, our standard leverages blockchain technology to create immutable logs of everything that happens to that patient data. But to make this work globally, we have to standardize the process of distributed learning and clearly specify what information can be transmitted from time to time and exactly how it is sent.

Do you see the Portuguese government adopting a standard like yours as a benchmark for best practice?

Yes, exactly. It follows the same model the government uses when implementing ISO

Este standard engloba também a certeza de que tudo o que aconteça com dados de pacientes, mesmo se parciais, fica em registos imutáveis, porque estamos a usar a técnica de *blockchain*. Por outro lado, importa standardizar a questão de como é feita a aprendizagem distribuída. De vez em quando, é preciso transmitir alguma informação, é preciso sinalizar a que pode ser transmitida e de que modo o pode ser.

Um standard como o que estão a trabalhar poderá depois ser adotado pelo Estado português como boa prática?

Exatamente. É isso que o Estado faz quando usa as normas International Organization for Standardization (ISO). A ideia é ter aqui algo que depois pode ser adotado pelos Estados e pelos governos, na governação da própria IA. Já há uma ISO para a IA, embrionária, mas não contempla todas as possibilidades.

Não há entidades a monitorizar e a fazer uma tutoria dos avanços da IA?

O que nós temos — e nisso a Europa é precursora — é o Regulamento IA e outros que lhe estão associados como o regulamento digital. Tentam-se criar autoridades de supervisão mas, para isso, são precisos standards, orientações. Sou perita europeia para as questões éticas e tenho acompanhado todo o processo.

Porque é que também se interessa por questões éticas?

As questões éticas são fundamentais, até porque são o que nós somos, são a nossa humanidade. Sem ética, não somos humanos. Isto é extraordinariamente importante porque qualquer cientista, quando quer fazer alguma coisa, quer fazer algo de bom, é para o melhor da sociedade. Isso não significa que a investigação que está a desenvolver não possa redundar em usos maléficos ou mal orientados. Há muito tempo que a ciência reconhece que princípios de ética e de deontologia são necessários para a nossa prática. E, de facto, tudo o que estamos a desenvolver no âmbito das ciências da computação, da IA, é facilmente mal utilizado. Daí as preocupações com a cibersegurança, com hackers, etc.

standards. The idea is to create a blueprint that states and governments can integrate into their own AI governance frameworks. There is already an ISO standard for AI, albeit in its infancy, but it does not cover all possibilities.

Aren't there any bodies monitoring and guiding the development of AI?

Actually, Europe is leading the way with the AI Act alongside related laws like our broader digital regulations. Attempts are being made to set up supervisory authorities, but this requires standards and guidelines. I am a European expert on ethical issues and have been following the whole process.

Why are you also drawn to ethical issues?

Ethics are fundamental, not least because they define our humanity. This is extraordinarily important because any scientist setting out to do something wants to do something good, for the betterment of society. That doesn't mean that the resulting research can't be misused or steered in harmful directions.

Science has long recognized that code of conduct and ethics are vital to our practice. And, in fact, everything we are developing in the fields of computer science and AI can easily be misused. Hence the concerns about cybersecurity, hackers, and so on.

Should there be training in ethics as part of technology courses?

Ethical concerns are part of who we are, although they have historically been left out of university curricula in the STEAM (Science, Technology, Engineering, Arts and Mathematics) fields. It would be good to introduce dedicated modules on ethics. I really like the idea that says: "Ethics is not about distinguishing between right and wrong, but about knowing what one can do for good and for evil." Ethics needs to be discussed at length because it is easy to carry out research without considering the impact it will have. In European projects within physics, mathematics, or astronomy, it is often argued that a project won't have an impact because it

“

As questões éticas são fundamentais, até porque são o que nós somos, são a nossa humanidade. Sem ética, não somos humanos /

Ethical issues are fundamental, not least because they define who we are; they are our humanity. Without ethics, we are not human /



Deveria haver formação na área ética nos cursos tecnológicos?

Essa preocupação faz parte de nós, embora não tenha estado presente nos cursos universitários ligados às áreas STEAM (Science, Technology, Engineering, Arts and Mathematics). Seria bom haver uma unidade curricular sobre ética. Gosto muito da ideia que diz: “Ética não é distinguir o bem do mal, mas é saber o que se pode fazer para o bem e para o mal”. A ética deve ser muito discutida porque é fácil fazermos uma investigação e não pensarmos no impacto que vai ter. Em projetos europeus da área da física, matemática ou astronomia ouve-se dizer que algo não vai ter impacto, porque não envolve princípios éticos. Claro que tem! Uma investigação que aparentemente tem impacto neutro pode ser usada, por exemplo, na segurança ou na saúde, e então já não tem impacto neutro.

Disse algures ser “uma curiosa exploradora do universo”... De onde lhe veio o gosto pelas ciências da complexidade, pela matemática, pelos dados?

Sempre tive interesse em perceber como é que o mundo funcionava, sempre fui muito curiosa. É algo que acontece desde pequenina. Talvez venha do meu pai, uma pessoa muito irrequieta, que também nos punha a querer saber coisas: “Porque é que isto é assim?”

A linguagem de tudo o que nos rodeia é a matemática, portanto, eu tinha de ir para matemática. Mas depois a matemática, só por si, não chega. Sabemos que a matemática é um edifício com pés de barro, assente em axiomas — aquilo que não está provado. Há ali um vazio e qualquer coisa que aconteça pode mandar tudo abaixo. Então, comecei a procurar. Desde nós mesmos, como seres biológicos, até à sociedade, tudo são sistemas complexos, pois ainda interagem de maneiras que são obscuras. O que faz o nosso cérebro funcionar? O que é a inteligência? Não sabemos! Mas tentar encontrar alguma explicação matemática para as coisas fez-me ver que elas são ainda mais belas do que eu

does not involve ethical principles. Of course it does! Research that apparently has a neutral impact can easily be applied, for instance, in security or healthcare, and therefore it no longer has a neutral impact.

You’ve called yourself “a curious explorer of the universe.” What first drew you to complexity science, math, and data?

I’ve always been deeply curious about how the world works, ever since childhood. I think I get that from my father — he was a very restless person who constantly encouraged us to figure things out and ask: “why are things the way they are?”

The language of the world around us is mathematics, so entering the field felt inevitable. There’s a void there, and any structural flaw could bring the whole framework crashing down. So, I started searching. From human biology to massive societal networks, everything interacts in ways we don’t fully understand. What makes our brains work? What is intelligence? We don’t know! But trying to find some mathematical explanation for things made me realise that they are even more beautiful than I could ever have imagined. I’ve always gone down that path, trying to simplify what seems complex, always asking: “Why? But why is it like that?”

You write papers on topics ranging from the stock market to domestic energy, megalithic monuments, the power of social media, start-ups, and hotel searches. What connects them?

Yes, the subject areas are diverse, but the tools are always within my area of expertise: I’m not developing theory just for the sake of the algorithm or the theorem — I want the practical application. That is why I strongly advocate for a direct connection between academia and society.

What advice would you give to a researcher who hasn’t had much exposure to data science?

The algorithmic side can feel far too technical at first. But the real key is simply understanding the data — look at it, and instead of forcing it

conseguia pensar. Fui sempre por aí, tentar simplificar aquilo que parece complexo. Porquê? Mas porque é que é assim?

Escreve papers que vão do mercado de ações à energia doméstica, monumentos megalíticos, poder das redes sociais, start-ups ou procura de hotéis...

Sim, os domínios são diversos, mas o tipo de ferramentas usadas estão sempre dentro da minha área: não estou a desenvolver pensamento pelo algoritmo ou pelo teorema, quero a aplicação. Daí, a conexão que defendo entre a academia e a sociedade.

O que é que recomendaria a um investigador, que não tenha tido muito contacto com a ciência de dados?

A parte dos algoritmos é demasiado técnica. Mas é importante entender os dados, olhar para eles e, em vez de os fazer dizer o que queremos, deixá-los contar as suas histórias. Isto vale para qualquer pessoa, independentemente de saber matemática ou não. É isso: cada vez mais, temos de perguntar o porquê das coisas. Toda a informação quer dizer algo, mas também pode ser decomposta em mais pedaços, e dizer ainda mais. Também é preciso estar disponível para mudar as ferramentas, sempre com aquela perspetiva do porquê, de onde é que isto vem. Tendo curiosidade e espírito de exploração, conseguimos sempre ir mais longe. É preciso sermos deslumbrados. //

to say what you want, let it tell its own story. This applies to anyone, regardless of whether they know advanced math or not. That's the core of it: more and more, we have to ask why things are the way they are. All information carries meaning, but when you break it down into smaller pieces, it reveals even more. We also need to remain open to evolving our tools, always keeping that "why" perspective in mind, always questioning: "where does this come from?" Guided by curiosity and a spirit of exploration, we can always push boundaries. We must never lose our sense of wonder. //



Ana Maria de Almeida

ISTAR-Iscte

Centro de Investigação
em Ciências da Informação,
Tecnologias e Arquitetura

Information Sciences,
Technologies and Architecture
Research Centre

AIH

Com o aumento dos dispositivos digitais de saúde, torna-se imperativo criar orientações de armazenagem de dados e processamento das suas aplicações pela Inteligência Artificial.

The surge in digital health devices makes it vital to create guidelines for data storage and AI application processing.

Rita Calvário

“Temos de aprender a respeitar as agriculturas que existem nos territórios”

O Feed faz uso de uma metodologia simples, a recolha de testemunhos de mulheres agricultoras, para cumprir um objetivo ambicioso: a defesa de um sistema alimentar mais equitativo e sustentável

“We must learn to respect traditional farming methods that exist in these regions”

por / by
Sara Belo Luís

tradução / translation
Arisai Vogel

fotografia / photograph
Luísa Ferreira

The Feed project uses a simple approach – gathering testimonies from women farmers – to achieve an ambitious goal: advocating for a more equitable and sustainable food system



“

Para estas mulheres, o trabalho não é só uma obrigação, não é só uma forma de garantir o sustento. Também corresponde a um modo de vida, a uma forma de estar. Há uma ligação e um amor à terra /

For these women, work isn't just a duty — it's not just a way to earn a living. It also represents a way of life, a way of being. There's a deep connection and a love for the land /



Durante um ano, recolheu testemunhos de várias mulheres agricultoras de Portugal, do País Basco e da Galiza. Deixá-las contar as suas experiências, ouvir os seus relatos sobre “o amor à terra” e, com isso, “dignificar as suas vozes”, como diz nesta entrevista sobre o Feed — Fighting for Food and Gender Justice. O resultado é um conjunto de textos e de vídeos que, mais tarde, também serão úteis a outros projetos de Rita Calvário, engenheira agrónoma que há muito desenvolve a sua investigação na área da sociologia rural. “Temos muito a aprender com estas mulheres”, nota.

O Feed recolheu testemunhos junto de um conjunto de mulheres que trabalham na agricultura. Quem são estas mulheres?

São mulheres rurais, provenientes de territórios de pequena agricultura familiar. Têm dois perfis: por um lado, são produtoras de

For a year, she gathered testimonies from various women farmers in Portugal, the Basque Country and Galicia. She let them recount their experiences, listened to their stories about a “love for the land” and, in doing so, “gave dignity to their voices” — as she explains in this interview about Feed: Fighting for Food and Gender Justice. The result is a collection of texts and videos that’ll later prove useful for other projects by Rita Calvário, an agronomist who has long been conducting research in rural sociology. “We have a great deal to learn from these women,” she notes.

Feed has gathered testimonies from a group of women working in agriculture. Who are these women?

They’re rural women from areas characterised by small-scale family farming. They fall into two categories: on one hand, they’re food



alimentos e estão envolvidas em agroecologia ou sistemas considerados inovadores do ponto de vista produtivo; por outro lado, têm um perfil ativista ou pelo menos algum envolvimento com projetos mais coletivos, redes formais e/ou informais ou mesmo organizações camponesas.

Trata-se de um projeto que nasceu de outro mais vasto sobre desigualdades de género na agricultura portuguesa. Qual a importância desta investigação em particular?

Esse outro projeto é de seis anos e está centrado em mulheres trabalhadoras agrícolas, sobretudo migrantes, e depois em mulheres a trabalhar na agricultura familiar. Interessa-me perceber quais são as condições sociais, económicas e políticas que se traduzem em desigualdades de género, que cruzamentos existem (ou não), o que é específico em cada dos grupos. Também gostaria de perceber a agência destas mulheres,

producers involved in agroecology or systems considered innovative from a production perspective. On the other hand, they're activists — or at least have some involvement with more collective projects, formal or informal networks and farmers' organisations.

This is a project that grew out of a broader one on gender inequalities in Portuguese agriculture. What's the significance of this specific research?

That other project has been running for six years and focuses on women agricultural workers — particularly migrants — as well as women working in family farming. I am interested in understanding the social, economic and political conditions that give rise to gender inequalities, what intersections exist — or don't exist — and what is specific to each of these groups. I also want to understand

a sua capacidade de lidar com o quotidiano, de traçar estratégias, de negociar relações de poder.

Como chegou aos três territórios onde o projeto se desenvolve, Portugal, Galiza e País Basco?

O foco é Portugal, mas, como tenho estado envolvida com outras equipas, mobilizei as minhas redes de trabalho com outros investigadores. No meu doutoramento, um dos casos de estudo era no País Basco, com jovens agricultores em agroecologia. Na Galiza, também existem investigadoras a trabalhar na história agrária, nas mulheres rurais e nas questões de género. Neste projeto, a ação participativa é muito relevante como metodologia de estudo.

Cada investigador tratou do seu território?

Sim, por uma questão de proximidade e de facilidade, até por causa do idioma em que as entrevistas foram feitas. No meu caso, o critério essencial foi o facto de as mulheres estarem envolvidas em organizações ou redes, mas de uma forma muito diversificada. Também me interessava cobrir alguns territórios e não ficar apenas pelo Alentejo... Falei com várias organizações, cooperativas integrais na zona da Guarda, de Castelo Branco, de Odemira, falei com uma associação de agricultura biológica do Algarve... E ainda com uma associação de agricultores mais tradicional, em Trás-os-Montes.

São mulheres diferentes umas das outras?

Sim, as suas histórias são muito diversas. Variam muito na idade, na educação, no percurso, por exemplo. Há pessoas que não tinham qualquer ligação ao mundo rural, outras que tinham memórias de infância. Uma das senhoras tem 82 anos, mas também há mulheres muito mais jovens...

O que é, exatamente, a agroecologia?

Existem várias definições. Uma delas está relacionada com a questão produtiva, digamos assim, com métodos de produção que divergem dos mais convencionais: rejeitam *inputs*

these women's agency: their ability to cope with everyday life, to devise strategies and to negotiate power relations.

How did you come to choose the three regions where the project is being carried out — Portugal, Galicia and the Basque Country?

The focus is on Portugal, but since I've been involved with other teams, I've drawn on my networks with other researchers. During my PhD, one of the case studies was in the Basque Country, looking at young farmers practising agroecology. In Galicia, there are also researchers working on agrarian history, rural women and gender issues. In this project, participatory action research is a very important methodology.

Did each researcher focus on their own area?

Yes — mostly for proximity and convenience, and also because of the language the interviews were conducted in. In my case, the key criterion was that the women had to be involved in organisations or networks, albeit in very diverse ways. I was also keen to cover a range of regions and not just limit myself to the Alentejo... I spoke to various organisations, including integral cooperatives in the Guarda, Castelo Branco and Odemira areas, an organic farming association in the Algarve... as well as a more traditional farmers' association in Trás-os-Montes.

Are these women all different from one another?

Yes — their stories are incredibly diverse. They vary greatly in terms of age, education and background, for example. Some had no connection whatsoever to the rural world, whilst others had childhood memories of it. One of the ladies is 82 years old, but there are also much younger women...

What, exactly, is agroecology?

There are various definitions. One of them relates to production — so to speak — using production methods that differ from the

“

Ajuda o facto de termos feito as gravações em vídeo e de existir um site onde disponibilizamos praticamente na íntegra as histórias destas mulheres. Não existe o olhar externo do investigador sobre elas — corresponde realmente ao que contam. Isto ajuda a dignificar as suas vozes /

It helps that we filmed the interviews and that there is a website where we've made these women's stories available almost in their entirety. There's no outside researcher's perspective overlaying them — it truly reflects exactly what they have to say. This helps to give their voices dignity /

externos, tentam desenhar, com os recursos existentes, um sistema produtivo que seja uma espécie de economia circular. A meu ver, porém, agroecologia é mais do que isto: é um movimento social e político. A exploração não é somente produtiva, não vive à parte do território, das comunidades rurais e dos ecossistemas.

E como surgem as questões do trabalho?

Olhar para as várias dimensões significa também olhar para as questões do trabalho, dos direitos, das desigualdades. Numa perspetiva de justiça social, de justiça climática e, daí, o movimento político. É preciso lutar por um modelo agroalimentar em que o agricultor, as pessoas e os ecossistemas são o centro — não vendo o alimento apenas como uma produção de mercadorias.

Durante a recolha de testemunhos foi surpreendida?

Sim, fui. Como disse, estas mulheres têm

more conventional ones: they reject external inputs and focus on designing a circular economy system based on existing resources. In my view, however, agroecology is more than this: it's a social and political movement. Farming is not just about production, and it isn't separate from the land, rural communities and ecosystems.

And how do labour issues come into play?

Looking at these different dimensions also means looking at labour issues, rights and inequalities — from a perspective of social justice, climate justice and, consequently, the political movement. We must fight for an agri-food model that puts farmers, people and ecosystems at the centre, rather than viewing food merely as a commodity.

Were you surprised whilst gathering these testimonies?

Yes, I was. As I said, these women have very different backgrounds. But there's one central

perfis muito diferentes. Mas há um elemento que é central, que é a questão dos cuidados. Cuidados em relação ao ambiente, aos animais, às pessoas, aos territórios. Estas mulheres reproduzem vida, reproduzem um alimento que nutre territórios, pessoas, animais. E que lhes dá satisfação para trabalhar a terra. Para elas, o trabalho não é só uma obrigação, não é só uma forma de garantir o sustento. De alguma maneira, o trabalho tem de ser recompensador e, portanto, também corresponde a um modo de vida, a uma forma de estar. Há uma ligação e um amor à terra.

Em algum momento sentiu que estas mulheres desconfiavam do trabalho dos investigadores?

Não, desconfiar, não. Mas, em alguns casos, existe algum cansaço do trabalho académico porque estas mulheres nem sempre veem nele algum retorno. No caso do País Basco, onde estão algumas com um percurso mais ativista, nem sempre se entende bem se vale a pena. Também ajuda o facto de termos feito as gravações em vídeo e de existir um site onde disponibilizamos as suas histórias praticamente na íntegra. Quer dizer, não existe o olhar externo do investigador sobre elas, corresponde realmente ao que contam. Isto ajuda a dignificar as suas vozes.

A ciência precisa de diversificar as suas formas de comunicar?

Evidentemente que os artigos científicos são importantes. Mas são coisas diferentes e eu julgo que é necessário diversificar um pouco as formas de comunicação com a sociedade e, assim, devolver o trabalho que é feito na academia.

O facto de o Feed ter sido desenvolvido em Portugal, Galiza e País Basco pode levar-nos a concluir que aqui também está uma certa ideia de Europa do Sul?

Desde que fiz o doutoramento que o foco do meu trabalho tem sido a Europa. Faço-o sempre numa perspetiva de periferia ou semiperiferia. Enfim, isto é discutível...

element, which is the concept of care. Care for the environment, for animals, for people and for the land. These women bring life into the world — they produce food that nourishes the land, people and animals. And that gives them a sense of fulfilment in working the land. For them, work isn't just an obligation — it isn't just a way to secure a livelihood. In some way, work has to be rewarding, which means it also represents a way of life, a way of being. There is a deep connection and a love for the land.

Did you ever feel that these women were sceptical of the researchers' work?

No — not sceptical, no. But in some cases, there's a certain weariness with academic work because these women don't always see a return from it. In the case of the Basque Country, where some have a more activist background, it's not always clear to them whether it's worth it. It also helps that we filmed the interviews and created a website where we've made their stories available almost in their entirety. In other words, there's no outside researcher's perspective overlaying them — it truly reflects exactly what they say. This helps to give dignity to their voices.

Does science need to diversify the ways it communicates?

Of course — scientific articles are important. But they are completely different things and I believe we need to diversify how we communicate with society a little, as a way to give back the work carried out in academia.

Does the fact that Feed was developed in Portugal, Galicia and the Basque Country suggest that there's also a certain notion of Southern Europe at play here?

Ever since I did my PhD, the focus of my work has been on Europe. I always approach it from the perspective of the periphery or semi-periphery — well, though that's highly debatable...



“

Portugal e Espanha têm trajetórias que se cruzam. Tiveram períodos de ditadura longos, extremamente impactantes. E em ambos os países o peso da agricultura no território e na sociedade também foi muito forte, até há 50 ou 60 anos /

Portugal and Spain have overlapping histories. Both countries experienced long periods of dictatorship that left a profound impact. And in both countries, agriculture played a huge role in the landscape and society until 50 or 60 years ago /

Porque as periferias têm, elas próprias, outras periferias.

Exato. A verdade é que Portugal e Espanha têm trajetórias que se cruzam. Tiveram períodos de ditadura longos, extremamente impactantes. E em ambos os países o peso da agricultura no território e na sociedade também foi muito forte, até há 50/60 anos. É a partir dos anos 60 do século passado que, com o grande êxodo rural, se dá o início da modernização da agricultura. A adesão à Comunidade Económica Europeia, em 1986, também originou transformações muito rápidas no meio

Because the peripheries themselves have other peripheries.

Exactly. The truth is that Portugal and Spain have intersecting trajectories. They both experienced long periods of dictatorship that left an extremely profound impact. And in both countries, the influence of agriculture on the land and society was also very strong right up until 50 or 60 years ago. It was from the 1960s onwards that, with the massive rural exodus, the modernisation of agriculture began. Joining the European Economic Community in 1986 also brought about very

rural. Portugal foi o país onde houve um maior declínio das explorações agrícolas. E onde o peso da agricultura familiar de pequena escala e a grande agricultura é enorme.

O projeto também pode contribuir para o debate em torno da transformação dos sistemas alimentares?

Sim, e de várias maneiras. Pode, desde logo, dar visibilidade ao tipo de agricultura que estas mulheres praticam, a esta lógica de cuidados. E também chama a atenção para esta perspetiva da produção de alimentos: como algo que se vende, que é consumido, mas que também envolve práticas de sustentabilidade, que cuidam do ambiente, que geram alimentos nutritivos, que seguem ritmos mais próximos dos ciclos naturais. Estas formas de negócio continuam a ser desvalorizadas, apesar de, em alguns destes casos, também existir sucesso comercial...

Diria que temos algo a aprender com estas mulheres?

Julgo que sim, que temos muito a aprender com elas. Temos de aprender, em primeiro lugar, a respeitar as agriculturas que existem no território, olhar para as realidades que existem, perceber o que as pessoas fazem e porque é que o fazem. Não podemos partir de ideias pré-concebidas de que há um modelo que funciona e que deve ser aplicado em todo o lado, porque é moderno, produtivo e económico. Tudo isto tem gerado desigualdades fortíssimas nos territórios e, sobretudo, tem subordinado muito as mulheres e as agriculturas que as mulheres praticam. Se o objetivo da política é criar territórios mais coesos, ambientalmente sustentáveis, com mais igualdade de género, então, precisamos mesmo de o fazer. É uma evidência que o tipo de agriculturas que se têm promovido, intensivas, de larga escala, geram um conjunto de problemas muito sérios, por mais inteligência artificial que apliquemos.

Isso corresponde também a uma recusa da tecnologia?

Estas mulheres não recusam a tecnologia, elas adaptam-na consoante as suas necessidades. Estas mulheres não param de pensar — e de

rapid changes in rural areas. Portugal was the country that saw the sharpest decline in the number of farms. And it's a country where the influence of small-scale family farming and large-scale agriculture is enormous.

Could the project also contribute to the debate on transforming food systems?

Yes — in a number of ways. First and foremost, it can raise the profile of the type of farming these women practise and highlight a different care-based approach. It also draws attention to this perspective on food production: as something that's sold and consumed, but which also involves sustainable practices that look after the environment, produce nutritious food, and follow rhythms more in line with natural cycles. These business models continue to be undervalued, even though in many cases, they're also commercially successful...

Would you say we have something to learn from these women?

I believe so — I think we have a great deal to learn from them. First and foremost, we must learn to respect the farming methods that exist in the region, look at the realities on the ground, and understand what people do and why they do it. We cannot start from preconceived notions that there's a single model that works and should be applied everywhere simply because it's modern, productive and economical. All of this has led to extremely severe inequalities across regions and, above all, has deeply marginalised women and the farming practices they can provide. If the goal of policy is to create more cohesive, environmentally sustainable regions with greater gender equality, then we really do need to do this. It's clear that the type of farming that's been promoted — intensive, large-scale farming — creates a range of very serious problems, no matter how much Artificial Intelligence we apply.

Does this also amount to a rejection of technology?

These women don't reject technology — they adapt it to suit their needs. These women never stop thinking — and learning. In fact, trial and

aprender. O erro e a experimentação são, aliás, muito importantes para os sistemas mais próximos dos equilíbrios ecológicos.

E obriga-nos a olhar para o mundo rural de outra forma?

Sim, julgo que sim. E para uma certa ideia de atraso, para uma certa ideia de subdesenvolvimento, do que é a modernidade. O urbano-industrial não é necessariamente progresso. Claro que também não quero romantizar estas práticas. Cada coisa tem o seu lugar...

A própria ideia do interior abandonado é um pouco romantizada.

E também não corresponde à realidade. Porque existem muitas pessoas, antigas e novas, que estão a fazer os seus projetos. Há jovens que estão a criar um dinamismo nestes territórios que, muitas vezes, não é visível. Também quisemos contestar um pouco a ideia do mundo rural sem população, vazio...

Por fim, como é que uma engenheira agrónoma chega às ciências sociais?

Isso parte de um certo preconceito acerca das ciências sociais. Sou engenheira agrónoma, mas no ramo da sociologia rural e da economia agrária. A minha formação também me é útil para fazer esta ligação entre os sistemas naturais, a tecnologia e todas as questões económicas, sociais e culturais associadas. Existe, aliás, uma grande tradição em Portugal desta área. //

error are very important for systems operating close to ecological equilibrium.

And does it force us to look at the rural world in a different light?

Yes, I think so. And it challenges a certain notion of backwardness, a certain notion of underdevelopment and what modernity actually is. The urban-industrial model isn't necessarily progress. Of course, I don't want to romanticise these practices either. Everything has its place...

The very idea of the abandoned countryside is somewhat romanticised.

And it doesn't reflect reality either. Because there are many people, both long-established locals and newcomers, who are running their own projects. There are young people who are creating a dynamism in these areas that often goes unnoticed. We also wanted to challenge, to some extent, the idea of the rural world as depopulated and empty...

Finally, how does an agronomist end up in the social sciences?

This stems from a certain prejudice against the social sciences. I am an agronomist, but specialising in rural sociology and agricultural economics. My background also helps me to bridge the gap between natural systems, technology and all the associated economic, social and cultural issues. In fact, there's a long-standing tradition in Portugal in this field. //



Rita Calvário

**Dinâmia'CET-
Iscte**

Centro de Estudos sobre a
Mudança Socioeconómica
e o Território

Centre for Socioeconomic
and Territorial Studies

Feed

Projeto assente em testemunhos de mulheres agricultoras em casos de agroecologia e envolvidas em coletivos em várias regiões de Portugal e Espanha (Galiza e País Basco).

A project based on testimonies from women farmers engaged in agroecology and involved in collectives across several regions of Portugal and Spain (Galicia and the Basque Country).

Yonatan N. Gez

“Nada é abandonado, os lugares contam muitas histórias”

Quais são as “vidas posteriores” dos projetos internacionais de desenvolvimento? No terreno e nas populações, o que fica de vestígios concretos e de memórias intangíveis? No AfDevLives, uma equipa multidisciplinar explora como os efeitos dessas intervenções perduram no tempo

“Nothing is abandoned –
places tell many stories”

por / by
Sara Belo Luís

tradução / translation
Arisai Vogel

fotografia / photograph
Luísa Ferreira

What are the “afterlives” of international development projects? On the ground and among populations, what concrete traces and intangible memories remain? At AfDevLives, our multidisciplinary team explores how the effects of these interventions endure over time



De uma maneira curta, é possível dizer-se que AfDevLives é um projeto sobre o tempo. Financiada com uma *starting grant* do European Research Council (ERC), a investigação vai decorrer até ao final de agosto de 2028, centra-se na Antropologia Social, mas envolve várias disciplinas e uma pesquisa no terreno que se estende a três países da África Oriental: Quênia, Tanzânia e Moçambique. Nesta entrevista, o luso-israelita Yonatan N. Gez explica como as intervenções de desenvolvimento enfatizaram determinadas ideias e, ao longo dos anos, foram sendo compreendidas pelos atores locais.

Fez o doutoramento focado nos rituais religiosos, um tema mais tradicional da Antropologia. Como chegou aos projetos de desenvolvimentos dos países africanos?

Quando fiz o meu doutoramento, em 2014, regressei ao país onde nasci, Israel. Foi lá que encontrei uma colega a trabalhar sobre heranças de projetos de desenvolvimento do Estado israelita em vários países africanos. Nos anos 60, no momento da independência da maioria dos países africanos, o país ainda era bastante novo e participou de várias maneiras, desde projetos de construção ao comércio de armas. Tudo isso mudou, ao longo das últimas décadas, mas eu fiquei fascinado.

Visitou alguns desses países, nessa altura?

Sim, contactei essa amiga e perguntei-lhe se podia colaborar. Visitei a Tanzânia e a Zâmbia, fui a vários sítios onde existe uma herança muito clara, lembranças dessas memórias e dessa ligação com os especialistas de origem israelita. Na Zâmbia, por exemplo, encontrámos construções do género dos kibutz ou dos moshav, uma espécie de aldeia colaborativa-cooperativo. Tratando-se de edifícios, é mais fácil de captar, mas às vezes há uma estranheza, uma rutura temporal... Uma espécie de “estou aqui” e, ao mesmo tempo, também estou num “outro lugar”, talvez até associado a “outro tempo”.

In short, it could be said that AfDevLives is a project about time. Funded by a 2021 European Research Council (ERC) grant it goes till the end of August 2028, and focuses on social anthropology but involves various disciplines and fieldwork spanning three East African countries: Kenya, Tanzania and Mozambique. In this interview, the Portuguese-Israeli researcher Yonatan N. Gez explains how development interventions have emphasised certain ideas and, over the years, have come to be understood by local actors.

You completed your PhD focusing on religious rituals, a more traditional topic in anthropology. How did you come to be interested in development projects in African countries?

When I finished my PhD back in 2014, I returned to Israel, the country where I was born. It was there that I met a colleague working on the legacies of Israeli state development projects across several African countries. In the 1960s, right around the time most African countries gained independence, Israel was still a fairly new nation and got involved in all sorts of ways, from construction projects to the arms trade. All of that's changed over the last few decades, but I was completely fascinated.

Did you visit any of those countries at the time?

Yes, I got in touch with that friend and asked if she could help. I visited Tanzania and Zambia, and went to various places where there's a very clear legacy — reminders of those memories and that connection with experts of Israeli origin. In Zambia, for example, we found buildings similar to kibbutzim or moshavim, a sort of collaborative, cooperative village. When it comes to buildings, it's easier to grasp, but sometimes there's a sense of strangeness, a temporal disconnect... A sort of “I'm here” and, at the same time, I'm also in “another place”, perhaps even associated with “another time”.

“

Numa altura em que assistimos a uma diminuição do investimento na área do desenvolvimento, é preciso fazer um balanço, analisar os êxitos, mas também as falhas e as consequências de longa duração /

At a time when we are seeing a decline in development investment, we need to take stock, analysing not only the successes but also the failures and the long-term consequences /

Porquê estranheza?

Sou bastante crítico desta identificação de África, como se, por um lado, fosse uma espécie de romantização e se, por outro, fosse uma espécie de essencialização. Mas também existe muito interesse neste tipo de tensões por parte dos interlocutores locais com quem falei. Imagine: um grande projeto chega à sua aldeia e há um dia em que saem sem explicar nada, o próprio governo não explica nada. Tudo isto constitui uma experiência muito estranha. E é por isso que, por vezes, também surgem rumores com grande intensidade. As pessoas que moram nesses sítios acabam por contar histórias sobre o que aconteceu porque, pura e simplesmente, não faz sentido.

Essas experiências acontecem mais com programas de desenvolvimento ou mais com projetos de investigação?

Isso também é interessante. Porque, da nossa perspetiva, há uma distinção muito clara entre a investigação e a prática do desenvolvimento, mas do lado de que vive nesses lugares somos apenas *outsiders*, representantes dos nossos países de origem. E de ambos se espera que, ao regressarmos, entreguemos uma mensagem: “Quando voltares ao teu país, diz-lhes isto e aquilo...”

Why a sense of strangeness?

I’m quite critical of this identification of Africa, as if, on the one hand, it were a kind of romanticisation and, on the other, a kind of essentialisation. But there’s also a great deal of interest in these kinds of tensions on the part of the local people I spoke to. Imagine: a major project comes to your village and one day they just leave without explaining anything; the government itself offers no explanation. All of this makes for a very strange experience. And that’s why, at times, rumours also spread with incredible force. The people who live in these places end up telling stories about what happened because, quite simply, it makes no sense.

Do these experiences occur more often with development programmes or more with research projects?

That’s an interesting point too. Because from our perspective, there’s a very clear distinction between research and development practice, but to the people living in those places, we’re just outsiders — representatives of our home countries. And both groups are expected, upon our return, to deliver a message: “When you go back to your country, tell them this and that”.



Como se pertencessem a outro mundo.

Sim, mas julgo que também pode ser interessante, numa altura em que assistimos a uma diminuição do investimento na área do desenvolvimento, fazer um balanço das cinco, seis, sete décadas que já levamos deste tipo de projetos. É preciso analisar os êxitos, mas também as falhas e as consequências de longa

As if they belonged to another world.
Yes, but I think it might also be interesting, at a time when we're seeing a decline in development investment, to take stock of the five, six or seven decades we've now spent on this sort of project. We need to analyse successes, but also the failures and the long-term consequences. All the issues surrounding the concept of the white saviour, for example...

duração. Todos os problemas em torno do conceito de *white savior*, por exemplo...

O trabalho de campo do AfDevLives já está feito?

Temos ainda duas estudantes *postdocs* que vão para o terreno no outono/inverno deste ano. Simultaneamente, também temos colaboradores locais no Quênia, na Tanzânia e em Moçambique que só agora começaram o seu trabalho de campo.

Li um artigo onde faz referência a um romance de Abdulrazak Gurnah, Afterlives, o escritor que ganhou o Nobel da Literatura em 2021. Em que medida influenciou o nome do projeto de investigação?

Trata-se de um autor de origem tanzaniana e, por isso, achei interessante. Quando o li, trabalhava com uma colega especialista em literatura africana e daí a inspiração. É uma história sobre as várias gerações de uma família, um bom exemplo porque mostra como as coisas perduram ao longo das gerações e, às vezes, existem ligações que são difíceis de explicar. Ressonâncias entre coisas que acontecem ao longo do tempo, sem uma ligação explícita, um nome que se repete e que nem sempre se entende, por vezes parece quase mágico... Gosto do conceito por nos ajudar a chegar a um espaço pouco tangível.

Fora do tempo?

Fora do tempo, sim, quase espiritual. Como expliquei, tentei deixar os contextos da investigação sobre religião. A verdade é que, na religião, estes momentos estão mais identificados, mas aqui também os encontramos. Não lhes damos nomes, não os identificamos, não os categorizamos como numa religião formal, como um ritual. Existem até investigadores que falam no desenvolvimento como um certo tipo de religião, porque perdura, apesar de existirem provas de que não funciona. É um tipo de fé.

Sem evidência.

Bem, essa escola é muito crítica, mas é quase como se fosse uma ideologia, um fanatismo.

Has the fieldwork for AfDevLives already been completed?

We still have two postdoc researchers who'll be heading out into the field this autumn and winter. At the same time, we also have local collaborators in Kenya, Tanzania and Mozambique who've only just begun their fieldwork.

I read an article in which you refer to a novel by Abdulrazak Gurnah, Afterlives, the writer who won the Nobel Prize in Literature in 2021. To what extent did this influence the name of the research project?

He's an author of Tanzanian origin, which is why I found it interesting. When I read it, I was working with a colleague who specialises in African literature, and that's where the inspiration came from. It's a story about the various generations of a family — a good example because it shows how things endure across generations and, sometimes, there are connections that are difficult to explain. Echoes between events that occur over time, without an explicit link; a name that recurs and isn't always understood — at times it seems almost magical... I like the concept because it helps us reach a somewhat intangible space.

Out of time?

Out of time, yes, almost spiritual. As I explained, I tried to move away from the context of religious research. The truth is that in religion, these moments are more clearly identified, but we find them here too. We don't give them names, and we don't categorise them as we would in a formal religion, as a ritual. There are even researchers who speak of development as a certain kind of religion, because it persists despite evidence that it doesn't work. It's a kind of faith.

Without evidence.

Well, that school of thought is very critical, but it's almost as if development were an ideology — a form of fanaticism.

Como vão, de agora em diante, organizar o projeto?

Vamos participar na organização da próxima conferência africanista, a European Conference on African Studies, que vai decorrer no Iscte, no verão de 2027. Também organizaremos uma exposição e, alguns dias depois, um seminário final do AfDevLives. Também temos de pensar no que podemos fazer, para lá de publicar na academia.

Quer exemplificar?

Organizar exposições, por exemplo, temos muito material visual para apresentar. Entre nós, já falámos sobre isso. Temos, nomeadamente, um doutorando queniano a trabalhar sobre heranças, memórias de comboio no Quénia antigo. Há mais de três anos que ele está a trabalhar com pessoas que moram ao lado de uma estação de comboio, eles conhecem-no, esperam que ele fale com as autoridades e que traga algo de volta.

Os próprios investigadores deixam expectativas junto dessas populações?

Sim, e ao mesmo tempo que isso constitui uma oportunidade também é um risco. Neste tipo de trabalho, abrimos...

...Uma caixa de Pandora?

Uma caixa de Pandora, sim, com dores pessoais e coletivas. E também muitas expectativas: “quando vais voltar?”, “porque é que estás a fazer isto?”, “podes transmitir-lhes isto e aquilo?”

Qual deve ser a posição de um investigador?

Bom, há relações de poder, não é? Por um lado, é fácil dizer que somos apenas investigadores, que não temos poder de decisão sobre as coisas, mas por outro estamos lá e, por isso, temos alguma responsabilidade. A questão da comunicação, por exemplo, é importante. Também não temos de fazer tudo da mesma maneira...

Provavelmente, até é o que faz mais sentido, adaptar a forma de fazer a cada caso.

Sim, os estudos de caso são muito diferentes e cada investigador também tem responsabilidades e atitudes diferentes. Acho melhor assim.

How do you intend to organise the project from now on?

We’ll be helping to organize the next European Conference on African Studies, which is due to take place at Iscte in the summer of 2027. We’re also planning an exhibition and, a few days later, a final AfDevLives seminar. Beyond publishing in academic journals, we need to think about what else we can do.

Could you give an example?

Organising exhibitions, for instance — we have a lot of visual material to present. We’ve already discussed this amongst ourselves. In particular, we have a Kenyan PhD student working on heritage and memories of the railway in early modern Kenya. He’s been working for over three years with people who live next to a railway station; they know him and expect him to speak to the authorities and bring something back.

Do the researchers themselves raise expectations amongst these communities?

Yes, and whilst this presents an opportunity, it’s also a risk. In this kind of work, we open up...

...A Pandora’s box?

A Pandora’s box, yes, filled with personal and collective pain. And also many expectations — things like “When are you coming back?”, “Why are you doing this?” and “Can you pass this and that on to them?”

What should a researcher’s stance be?

Well, there are power dynamics, aren’t there? On the one hand, it’s easy to say that we’re just researchers and have no decision-making power over things, but on the other hand we’re there — and, therefore, we do have some responsibility. The issue of communication, for example, is important. We don’t have to do everything in the same way either...

That’s probably what makes the most sense — adapting our approach to each individual case.

Yes, case studies vary greatly and each researcher also has different responsibilities

“

E fácil dizer que somos apenas investigadores, que não temos poder de decisão sobre as coisas, mas por outro estamos lá e, por isso, temos alguma responsabilidade /

It's easy to say that we're just researchers, that we have no say in matters, but on the other hand we're there, and so we do bear some responsibility /

O estudante de doutoramento de que falei, por exemplo, pensou em fazer um livro e queria oferecê-lo a cada um dos seus interlocutores, mas não sei se isso vai ter muito impacto...

Um livro não tem o mesmo valor para os dois lados.

Exato. Para os seus interlocutores, alguns dos quais não falam bem inglês, oferecer um livro com 400 páginas até pode ser considerado um bocadinho humilhante... Terá de pensar como transmitir o que aprendeu à comunidade. Poderá organizar um workshop, uma atividade, não sei, não há uma única resposta. Nem existem respostas fáceis.

No AfDevLives, também se preocuparam em adotar metodologias exploratórias. Consegue dar exemplos?

Sim, sempre soubemos que o projeto ganhava em adotar métodos capazes de sentir estas tensões temporais, estas discrepâncias. No caso do estudante queniano de que tenho vindo a falar, ele trabalhou com um artista local que pintou vários quadros e que, depois, fez uma exposição. Foi muito interessante porque, depois, houve um diálogo entre a produção artística e as memórias dos interlocutores. Imaginou, por exemplo, uma estação de comboio que era muito animada, o

and approaches. I think that's for the best. The PhD student I mentioned, for example, thought about writing a book and wanted to give a copy to each of the people he interviewed, but I'm not sure if that will have much impact...

A book doesn't hold the same value for both sides.

Exactly. For your interviewees, some of whom don't speak English very well, being given a 400-page book might even be seen as a bit humiliating... You'll have to think about how to pass on what you've learnt to the community. You could organise a workshop, an activity — I don't know; there's no single answer. Nor are there any easy answers.

At AfDevLives, they also made a point of adopting exploratory methodologies. Could you give some examples?

Yes, we always knew that the project would benefit from adopting methods capable of sensing these temporal tensions — these discrepancies. In the case of the Kenyan student I've been talking about, he worked with a local artist who painted several pictures and then held an exhibition. It was fascinating because, afterwards, a dialogue opened up between the artistic output and the interviewees' memories.



que corresponde provavelmente a uma certa romantização...

Há muita nostalgia?

Nostalgia é, justamente, uma palavra que temos usado muito. No verão de 2025, também organizámos um evento com 30 pessoas na Tanzânia no qual usámos *audio walks* para explorar as heranças pós-industriais (são métodos pouco usados, sobretudo nos contextos africanos). A ideia foi criar narrativas de ódio que as pessoas vão ouvindo nos *headphones*. À medida que circulavam no espaço, iam sendo acompanhadas por essas narrativas e sentindo essa dissonância entre o que já não acontece agora e o que ainda acontece. A maioria desses locais eram fábricas que não funcionam, mas a história quase mítica, imaginada e romantizada continua a viver nas almas das pessoas.

São fábricas abandonadas?

São fábricas que já não funcionam. Nada é abandonado, os lugares contam muitas histórias, apelam à imaginação, podem até ser ocupados por animais, pela natureza,

For example, he imagined a railway station that used to be incredibly lively, which probably points to a certain romanticisation...

Is there a lot of nostalgia?

Nostalgia is, in fact, a word we've been using a lot. In the summer of 2025, we also organised an event with 30 people in Tanzania, where we used audio walks to explore post-industrial heritage — methods that are rarely used, particularly in African contexts. The idea was to create hatred narratives that people would listen to through their headphones. As they moved around the space, they were accompanied by these narratives and felt this dissonance between what no longer happens now and what still does. Most of these sites were factories that are no longer in operation, but the almost mythical, imagined and romanticised history continues to live on in people's hearts.

Are they abandoned factories?

They're factories that are no longer in operation. Nothing's abandoned — these places tell many stories, spark the imagination and can

entram nesses espaços enquanto os seres humanos se retiram.

Como se o abandono total — o vazio, no fundo — não existisse.

Também é preciso transmitir um pouco de esperança. Há sempre a possibilidade de imaginar. Talvez a falha até seja nossa, dos nossos conceitos limitados, o que falta porventura é a nossa capacidade de imaginar. No caso do projeto sobre as estações de comboio, o nosso doutorando também mostra como estes espaços se tornam muito interessantes para fazer comércio, por exemplo.

Por vezes, são até espaços úteis na medida em que são abrigados.

Muito úteis, Aliás, quando se diz que estes espaços são inúteis, pergunto: inúteis para quem? Também na Tanzânia, temos um outro projeto sobre as reutilizações dos materiais relacionados dos comboios. Há muita madeira, muito metal cuja qualidade está, por vezes, associada ao facto de ter determinada origem. Podemos admitir que se trata de um material com boa qualidade porque é colonial e, por isso, vale a pena roubar ou reutilizar. Isto é uma ideia um pouco perversa...

E ambigua, para dizer o mínimo.

Sobretudo quando falamos de pessoas que se sentem esquecidas. É estranho dizermos que sentimos a falta de uma presença e essa presença estar associada a um regime colonial opressivo. //

even be taken over by animals and nature, which move into these spaces as humans withdraw.

It's as if total abandonment — emptiness, really — didn't exist.

We also need to convey a little hope. There's always the possibility of imagining. Perhaps the fault even lies with us, with our limited concepts — what's perhaps lacking is our capacity to imagine. In the case of the railway stations project our PhD student also shows how these spaces become highly valuable for commercial purposes, for example.

Sometimes they are even useful spaces insofar as they provide shelter.

Very useful, in fact. When people say these spaces are useless, I ask: useless to whom? In Tanzania, too, we have another project on the reuse of train-related materials. There's a lot of wood and metal — and its quality is sometimes linked to the fact that it comes from a specific source. We might assume that it's good-quality material because it's colonial and, therefore, worth stealing or reusing. This is a rather perverse idea...

And ambiguous, to say the least.

Especialmente quando we're talking about people who feel forgotten. It's strange to say that we miss a presence when that presence is associated with an oppressive colonial regime. //



Yonatan N. Gez

CEI-Iscte

Centro de Estudos
Internacionais

Centre for International
Studies

AfDevLives

Pretende compreender de que maneira as intervenções dos projetos de desenvolvimento sublinham determinadas ideias, acentuam determinados preconceitos e, ao longo do tempo, são compreendidas pelas comunidades locais.

Aims to understand how development project interventions highlight certain ideas, reinforce specific prejudices and are perceived by local communities over time.

Um espaço para viver

A place to live



Com instalações provisórias no Campo Grande, nasce o Iscte, com 296 estudantes inscritos em três licenciaturas

Iscte is founded in temporary facilities in Campo Grande, with 296 students enrolled in three degree programmes

1978

Criação do Centro de Estudos Africanos, hoje Centro de Estudos Internacionais (CEI)

Establishment of the Centre for African Studies, now the Centre for International Studies (CEI)

1983

É criado o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES)

The Centre for Research and Studies in Sociology (CIES) is established

1972

Inauguração do Edifício Sedas Nunes (atual Edifício 1), em homenagem ao fundador

Inauguration of the Sedas Nunes Building (now Building 1), in honor of the founder

1981

Novos mestrados e doutoramentos em Organização e Gestão de Empresas, Sociologia e Antropologia Social

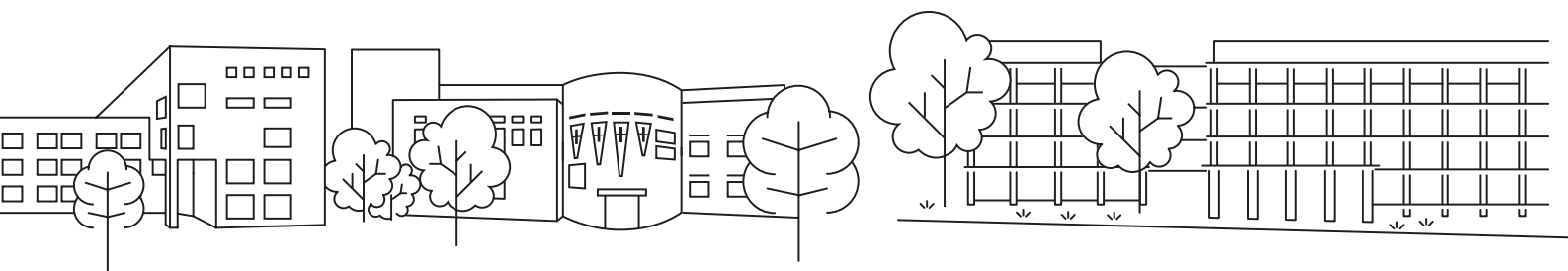
New master's and doctoral programs in Business Administration, Sociology, and Social Anthropology

1985

Número de estudantes

296

597



Criação do Instituto para o Desenvolvimento da Gestão Empresarial (INDEG), atual Iscte Executive Education

Establishment of the Institute for the Development of Business Management (INDEG), now known as Iscte Executive Education

1989

Nasce a Unidade de Investigação em Desenvolvimento Empresarial (UNIDE), atual Business Research Unit (BRU)

UNIDE is founded, now the Business Research Unit (BRU-Iscte)

2000

Iscte passa a fazer parte do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP)

Iscte joins the Council of Rectors of Portuguese Universities (CRUP)

2983

6370

1988

Fundado o Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território (atual Dinâmia'CET)

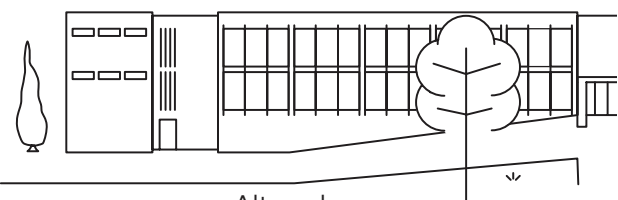
The Center for Studies of Socioeconomic Change and the Territory (now Dinâmia'CET) is founded

1994

Aprovação dos novos estatutos, que conferem ao Iscte um quadro organizacional de universidade

New statutes approved, granting Iscte the organizational framework of a university

2005



Alterada a
denominação para
Iscte – Instituto
Universitário de
Lisboa

Início da
adaptação dos
cursos ao modelo
de Bolonha

Name changed to
Iscte – University
Institute of Lisbon

Adapting
programmes to the
Bologna Process
begins

2007

Iscte assume
o regime de
fundação, através
do decreto-lei n.º
95/2009, de 27
de abril, com a
publicação dos
respetivos
estatutos

Through Decree-
Law no. 95/2009
of 27 April, Iscte
becomes a public
foundation under
private law and
publishes its new
statutes

São criadas quatro
escolas: Escola de
Ciências Sociais e
Humanas, Escola
de Gestão, Escola
de Sociologia e
Políticas Públicas
e Escola de
Tecnologias e
Arquitetura

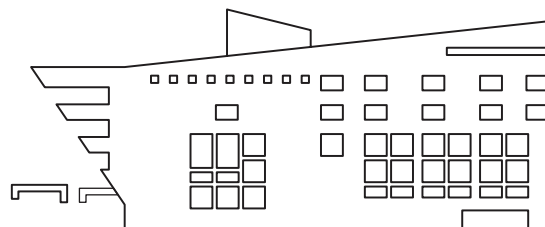
Four schools are
established: the
School of Social
Sciences and
Humanities, the
Iscte Business
School, the School
of Sociology and
Public Policy, and
the School of
Technology and
Architecture

2010

Criação da
licenciatura em
Ciência de Dados

Apresentação da
nova identidade
visual

The bachelor's
degree in
Data Science
is launched,
alongside the
presentation of
Iscte's new visual
identity



2019

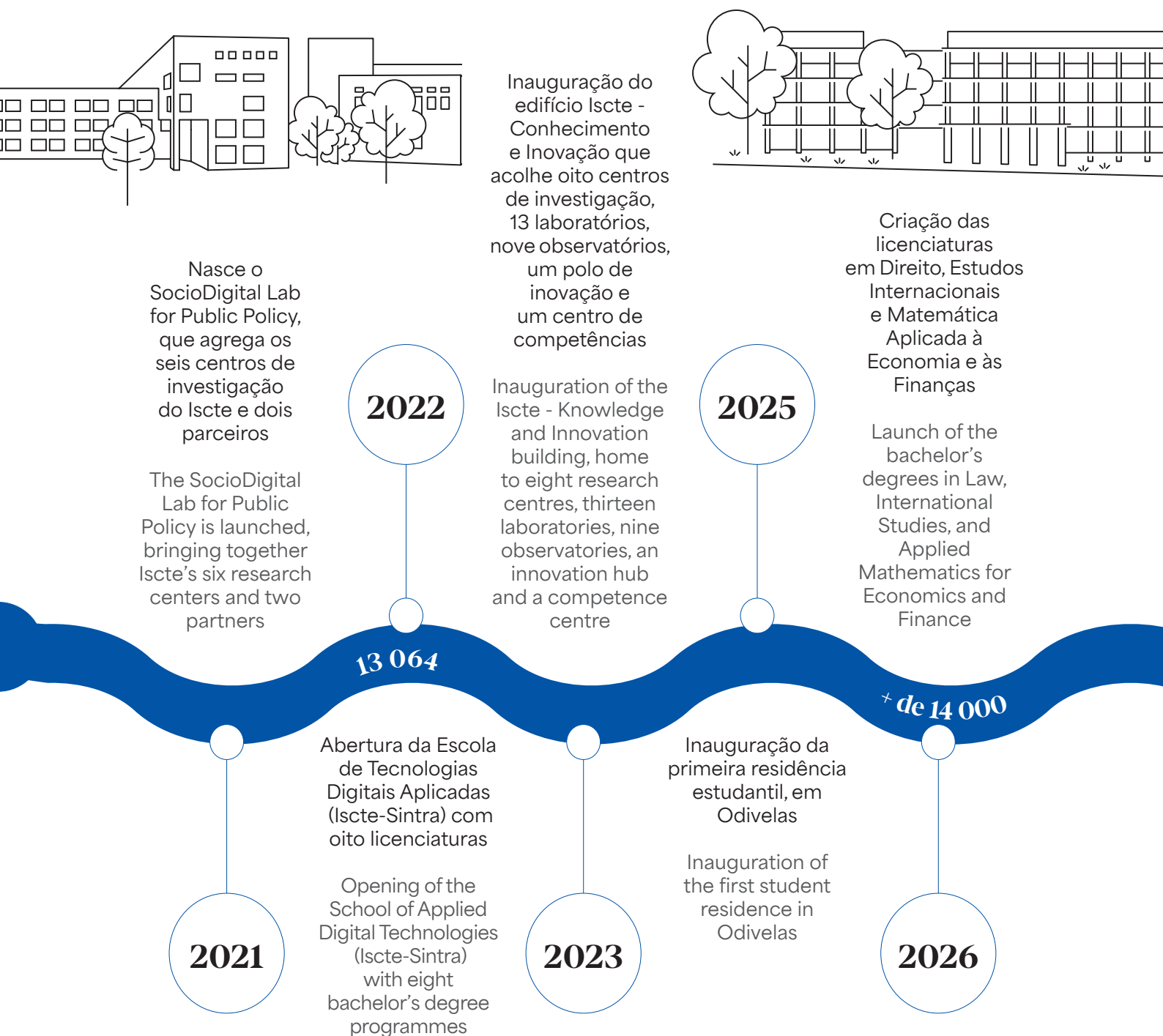
Atribuição
da Ordem da
Instrução Pública
pelo Presidente da
República

Conferral of the
Order of Public
Instruction by the
President of the
Republic

2020

Número de estudantes

10 043



iscte **EM NÚMEROS** **IN NUMBERS**

14 123	Estudantes <i>Students</i>
3 123	Estudantes estrangeiros <i>International students</i>
115	Nacionalidades <i>Nationalities</i>
153	Cursos conferentes de grau <i>Degree programmes</i>
149%	Índice de satisfação da procura <i>Demand satisfaction rate</i>
352	Docentes de carreira <i>Permanent academic staff</i>
521	Investigadores em exclusividade <i>Full-time researchers</i>
8	Unidades de investigação <i>Research units</i>
7	Revistas científicas publicadas <i>Published scientific journals</i>
2065	Trabalhos científicos publicados <i>Scientific papers published</i>
100%	Centros de investigação com “excelente” e “muito bom” na avaliação internacional <i>Research centres rated “Excellent” and “Very Good” in international assessments</i>

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Entrecampus _ N.º 12

Coordenação *Editorial Coordinator*
Sara Belo Luís

Texto *Text*
Luísa Rego
Rita Alves
Sara Belo Luís

Fotografia *Photography*
Luísa Ferreira (entrevistas) *Interviews*
Nuno Saraiva

Tradução e revisão *Translation and proofreading*
Arisai Vogel

Projeto gráfico *Graphic design*
Ana Moreira
Teresa Sengo

Paginação e capa *Layout and cover*
Teresa Sengo

2184-6545
ISSN

464789/19
Depósito legal

Publicação semestral *Bi-annual publication*
Distribuição gratuita *Free distribution*

Tiragem *Print run*
2000 exemplares *copies*

Iscte
Instituto Universitário de Lisboa
Av. das Forças Armadas,
1649-026 Lisboa
gc@iscte-iul.pt

Impressão
Gráfica Maiadouro, S.A.

© 2026
Todos os direitos reservados *All rights reserved*



SOCIODIGITAL LAB
FOR PUBLIC POLICY
Associate Laboratory

Prémio Valmor de Arquitetura 2023

Valmor Architecture Prize 2023

ARQUITETOS ARCHITECTS
Bernardo Pizarro Miranda
Pedro Luz Pinto | Susana Rego

Edifício 4 – Conhecimento e Inovação
Knowledge and Innovation

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA